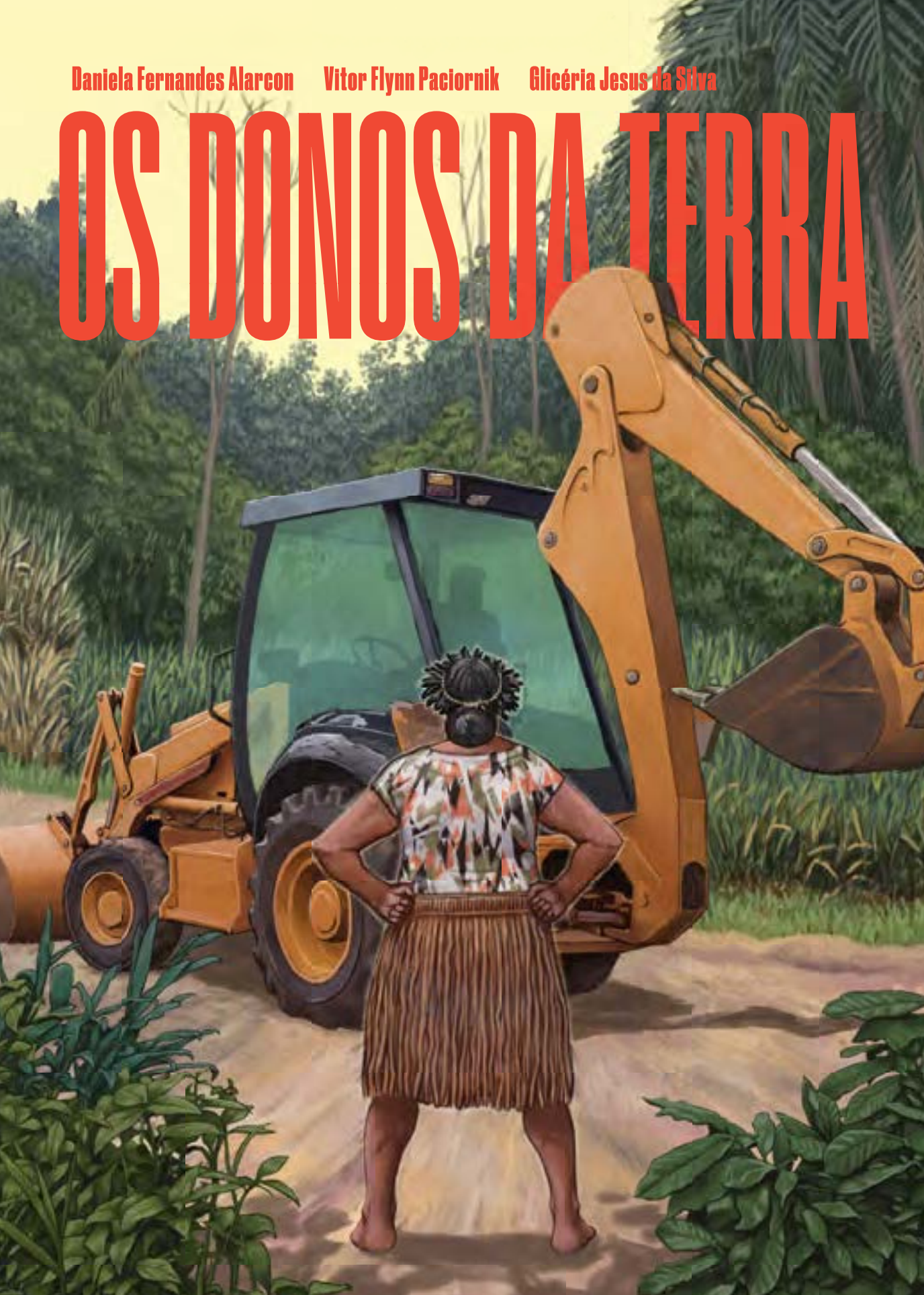


Daniela Fernandes Alarcon

Vitor Flynn Paciornik

Glicéria Jesus da Silva

OS DONOS DA TERRA



Os donos da terra é um quadrinho de história de indígenas, mas não de uma história de séculos atrás. Os Tupinambá deste livro não apresentam rituais antropofágicos e outros costumes tidos como exóticos. Não, esta HQ narra histórias que se montaram sobre relações de poder existentes hoje no Brasil. Aqui, os indígenas não falam no passado, mas no presente; os Tupinambá destas histórias estão conosco, agora, no sul da Bahia, resistindo na utopia de um futuro.

As narrativas que lemos aqui em palavras e imagens são, portanto, sobre os Tupinambá atuais. Elas começam resgatando um símbolo do século XX, a destruição ambiental. Embora se trate, tristemente, de uma versão contemporânea do período da conquista, essas imagens são histórias (re)contadas porque vividas na pele por seus narradores.

Se o tema geral da HQ parece ser a mobilização política dos indígenas, não deixa de ser fundamental a costura das narrativas com outros elementos aparentemente antagônicos. Aqui se verá, mais uma vez, a força que tem a cultura religiosa dos Tupinambá na construção da sua luta, expressa nas descrições de ações heroicas e modalidades coletivas de engajamento social. Articulado uma gramática do embate político através de categorias religiosas e experiências extáticas, a dimensão da luta tupinambá aparece com toda a sua profundidade.

Os autores têm todas as credenciais para contar as histórias que lemos aqui. Reconhecida pela excelência do seu trabalho de longo prazo com os Tupinambá, Daniela sabe muito bem o vínculo sentimental que essas histórias manifestam. Além de autora de trabalhos acadêmicos exemplares, ela também é

OS DONOS DA TERRA



conselho editorial

Bianca Oliveira

João Peres

Tadeu Breda

edição

Tadeu Breda

preparação

Natalia Ribas Guerrero

revisão

João Peres

capa

Denise Matsumoto

projeto gráfico

Bianca Oliveira

ROTEIRO

Daniela Fernandes Alarcon

ARTE

Vitor Flynn Paciornik

PESQUISA

Daniela Fernandes Alarcon

Glicéria Jesus da Silva

Conteúdo

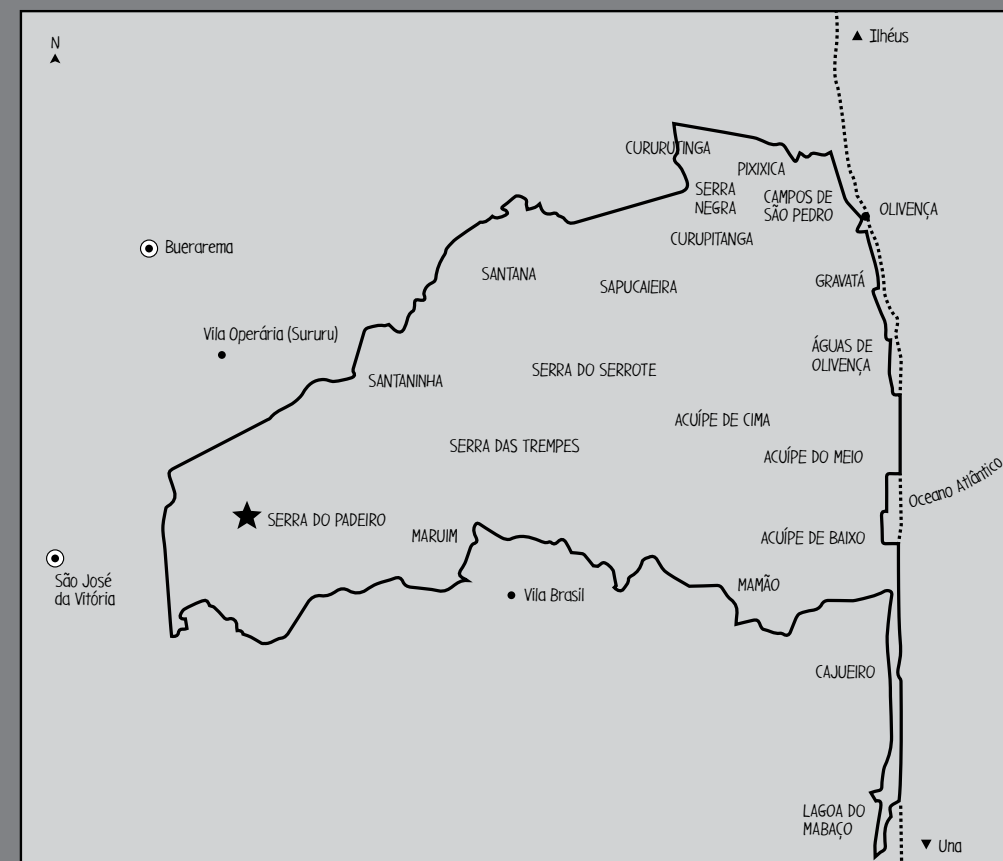
A briga do areal	7
Marcellino	43
Gavião-verdadeiro	67
Quando me entendi por gente	79
O sangue puxa	95
Tudo que vê, calado é mió	111
Retomada	123

Sobre este livro	147
Glossário	151
Referências	160
Agradecimentos	163
Sobre os autores	167



O território

- Bahia
- Terra Indígena Tupinambá de Olivença
47.376 hectares
5.038 indígenas (Sesai/MS, 2019)
Mais de 20 localidades
- ★ Aldeia Serra do Padeiro



A briga do areal





U DU DU DU DU DU DU DU DU DU DU DU DU DU DU

O U POU POU POU POU POU POU POU POU POU POU









Meus meninos disseram que, nesse dia, eu fiquei manifestada por Tupinambá...



Tupinambá pisou no chão,

Eu vi a terra tremer.

Cantando sozinha da boca da noite até o outro dia de manhã.



Tupinambá pisou no chão,

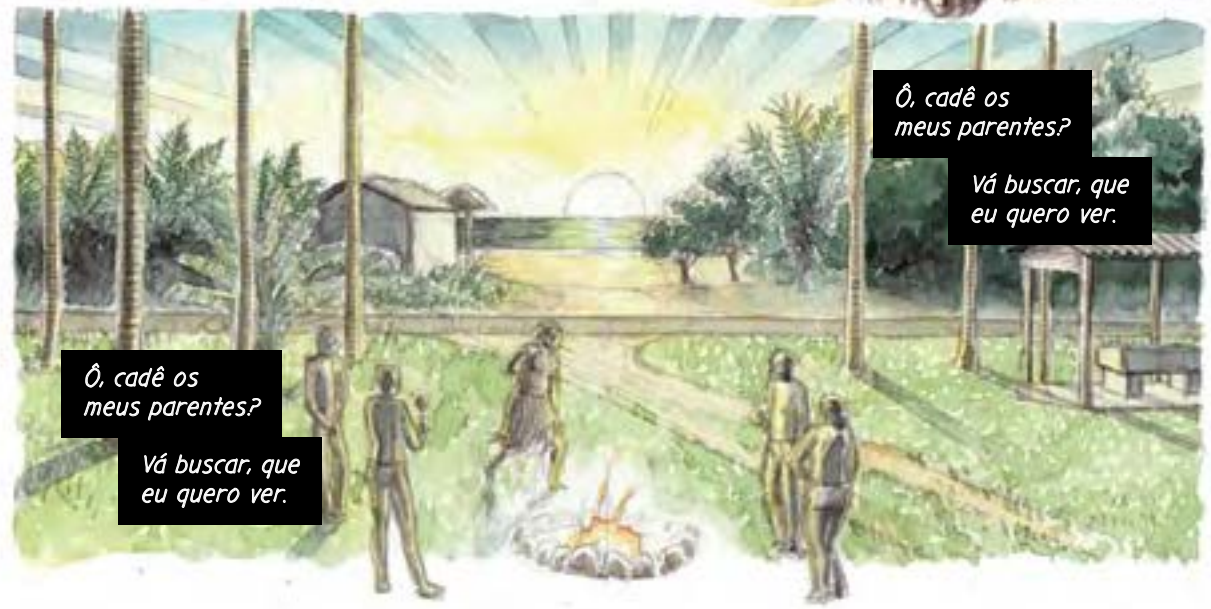
Eu vi a terra tremer.

Ô, cadê os meus parentes?

Vá buscar, que eu quero ver.

Ô, cadê os meus parentes?

Vá buscar, que eu quero ver.



Dessa beira de praia até a serra, é uma corrente forte, é tudo parente.



O encantado grita aqui, eles ouvem lá.

Quando clareou, eles chegaram.





Nesse mesmo dia, nós fechamos o areal.



Eu tinha catorze anos, quando vim morar aqui.

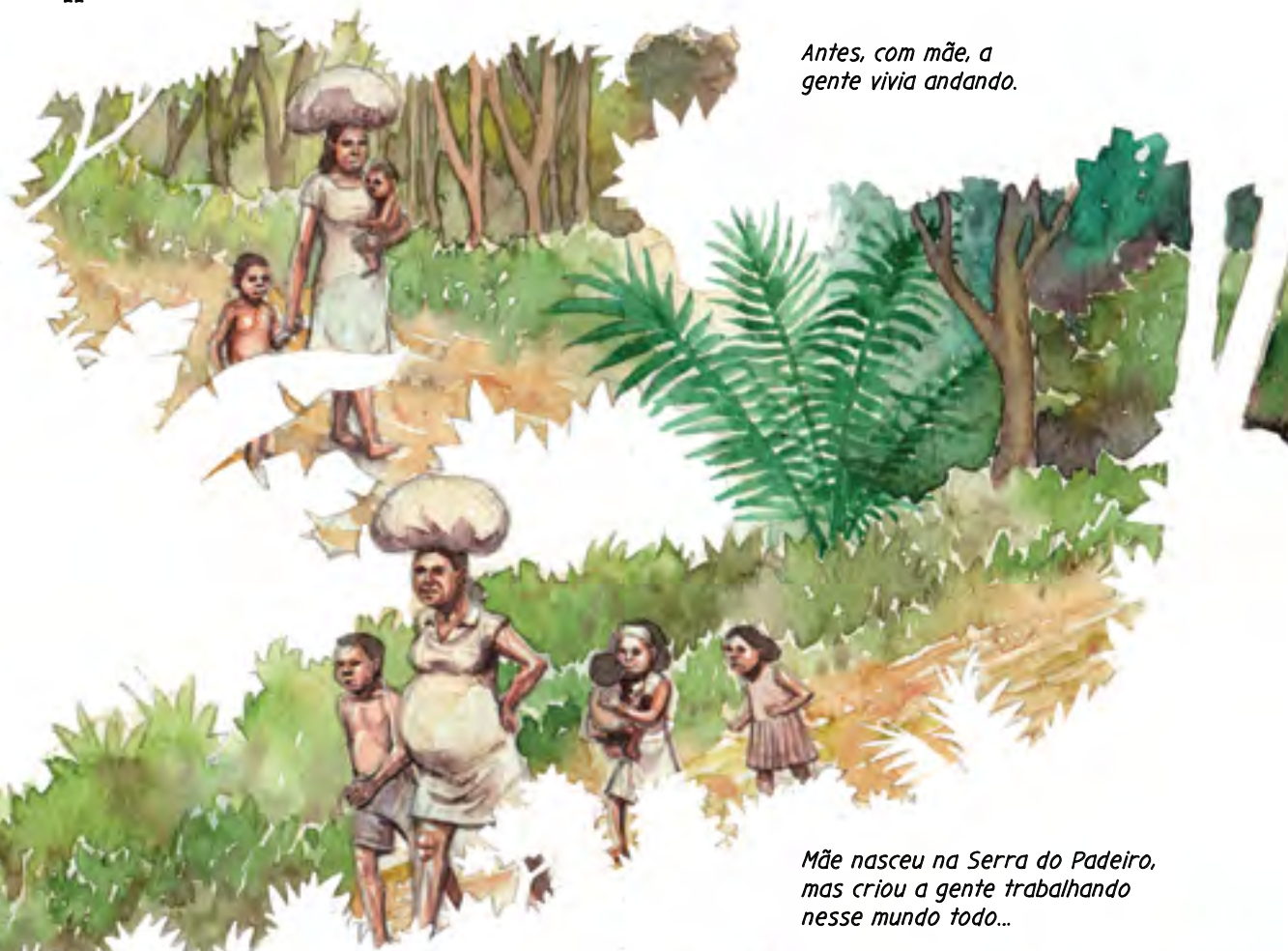


Nesse tempo, era fazenda de seu Lino.



De primeiro, era terra de uns caboclos, mas tomaram. Até hoje ainda tem parentes deles aí atrás.

Meus filhos todos nasceram e se criaram aqui dentro.



Antes, com mãe, a gente vivia andando.

Mãe nasceu na Serra do Padeiro, mas criou a gente trabalhando nesse mundo todo...



Vila Brasil, Serra das Trepes, lá em minha vó Julia, na beira da praia...



Sempre, a gente ia onde tava meu avô. O dia todo andando.



Na casa dele, o fogo ficava sempre aceso.



E toda vez ele dava feijão, farinha, essas coisas, pra gente levar.

Meu avô era o maior rezador da região.

Ele controlava cobra e boiada estourada, fazia chover ou parar a chuva – só com a palavra.



Nesse meio aqui, não tinha médico, não. O médico era ele.

A festa de São Sebastião que meu tio Lírio faz, foi meu avô que começou.



As louvações, os fechamentos de trabalho... Tudo, foi ele.



Ele era o esteio forte da família no tempo em que os brancos tavam tomando todas as nossas terras.

Meu avô sempre repetia as premonições.

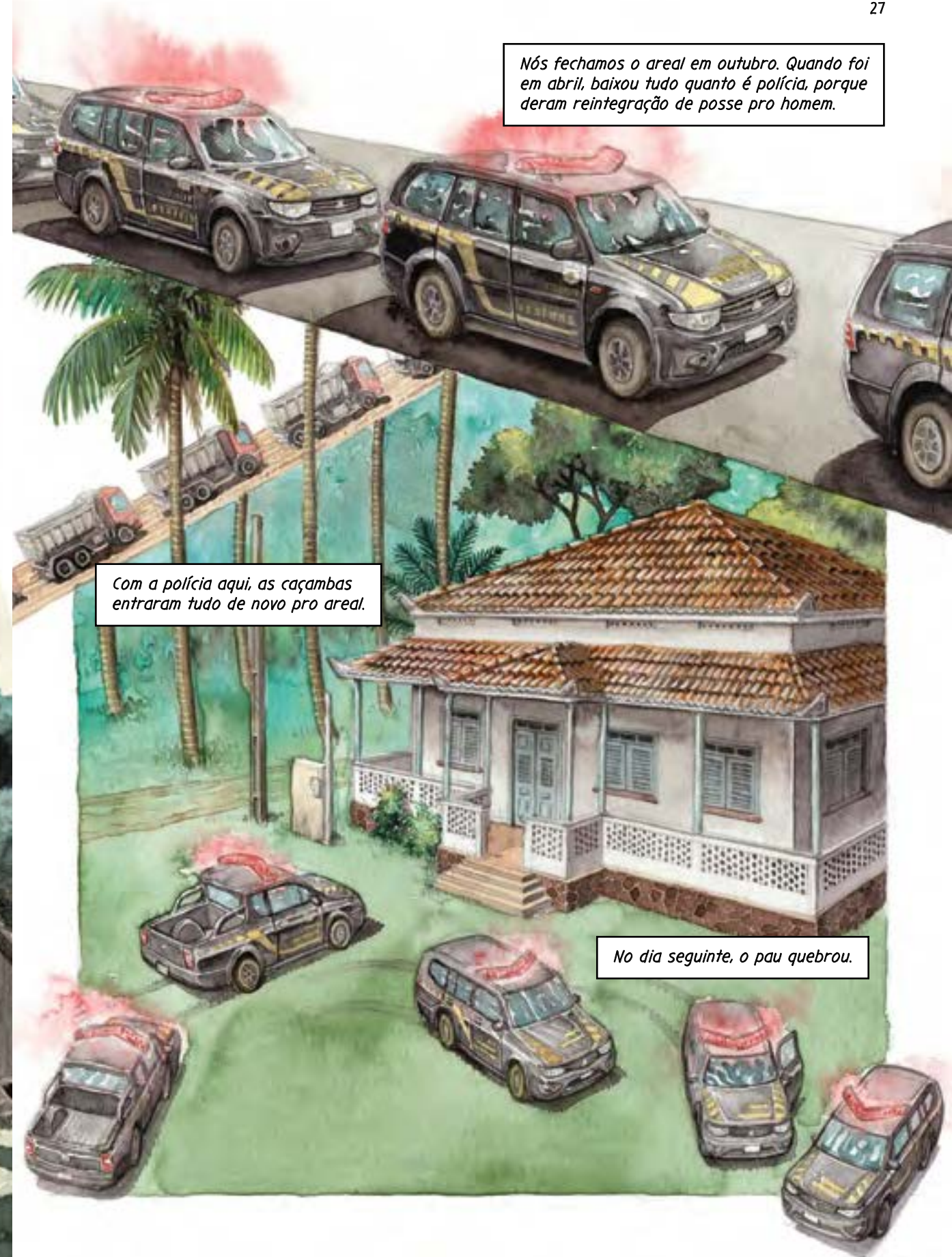
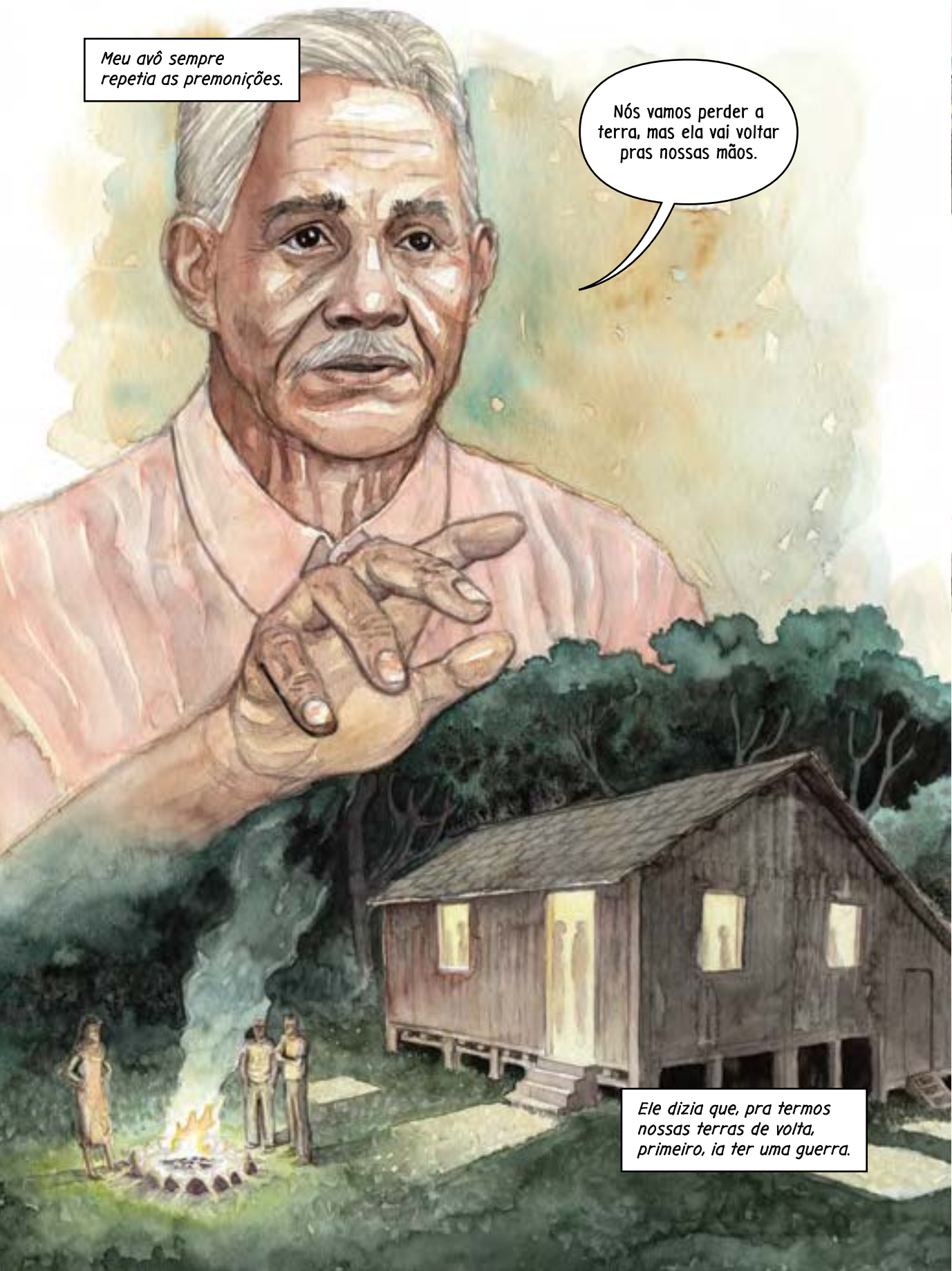
Nós vamos perder a terra, mas ela vai voltar pras nossas mãos.

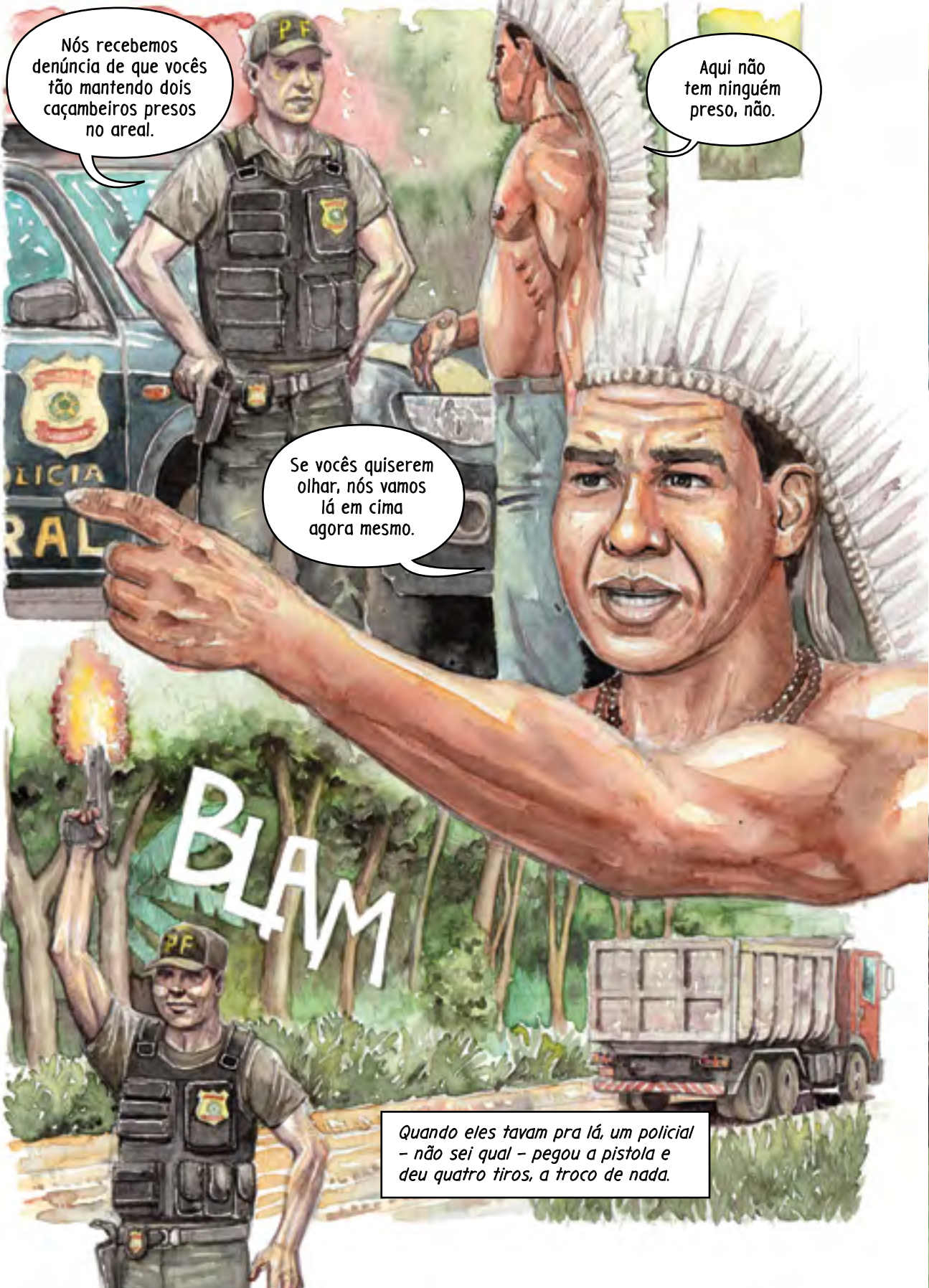
Ele dizia que, pra termos nossas terras de volta, primeiro, ia ter uma guerra.

Nós fechamos o areal em outubro. Quando foi em abril, baixou tudo quanto é polícia, porque deram reintegração de posse pro homem.

Com a polícia aqui, as caçambas entraram tudo de novo pro areal.

No dia seguinte, o pau quebrou.





Nós recebemos denúncia de que vocês tão mantendo dois caçambeiros presos no areal.

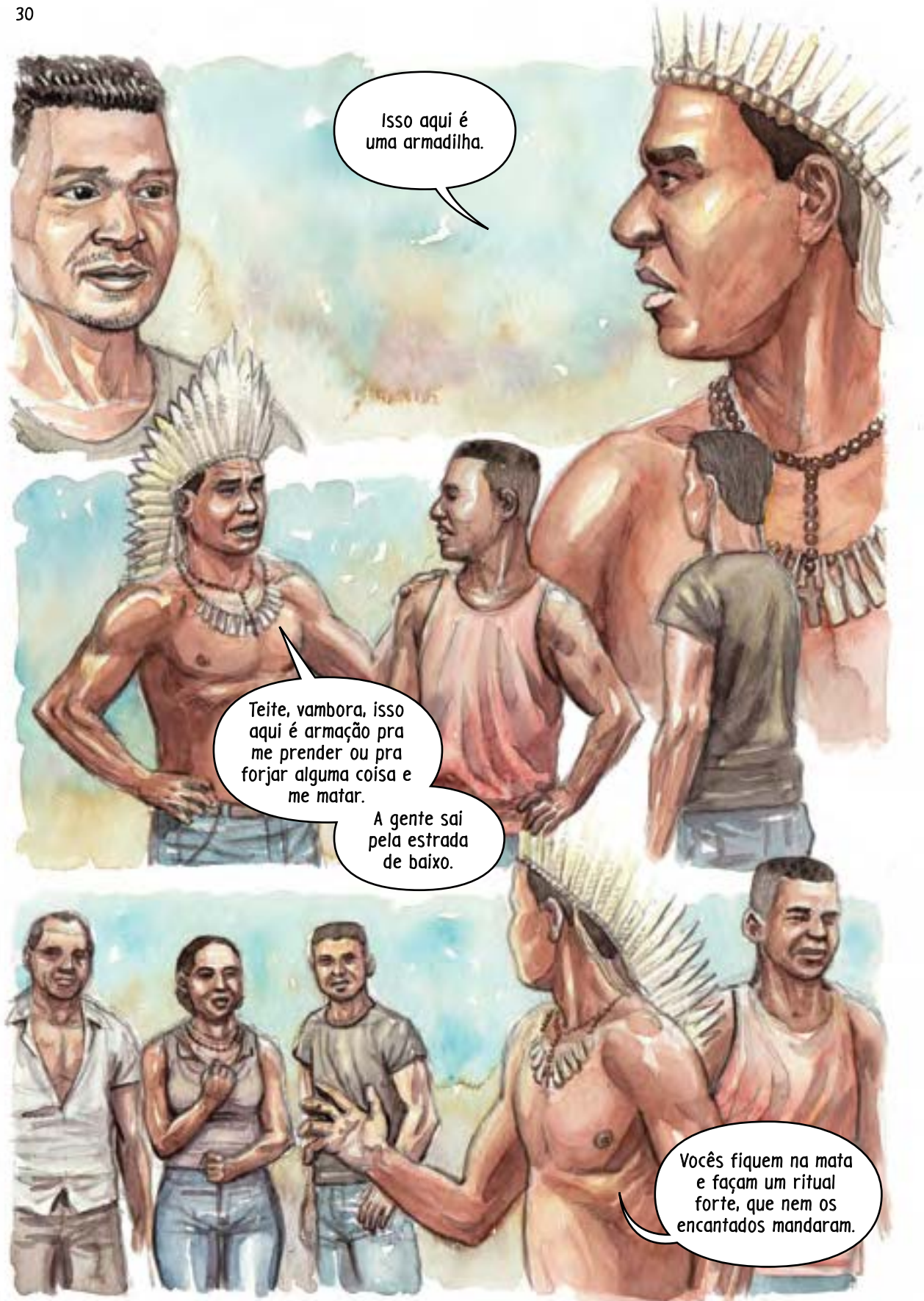
Aqui não tem ninguém preso, não.

Se vocês quiserem olhar, nós vamos lá em cima agora mesmo.

BLAM

Quando eles tavam pra lá, um policial - não sei qual - pegou a pistola e deu quatro tiros, a troco de nada.





Isso aqui é uma armadilha.

Teite, vambora, isso aqui é armação pra me prender ou pra forjar alguma coisa e me matar.

A gente sai pela estrada de baixo.

Vocês fiquem na mata e façam um ritual forte, que nem os encantados mandaram.



Na vila, fecharam o carro dos meninos.

Mãe, prenderam Babau mais Teite!



Parece que não tem justiça nesse mundo.

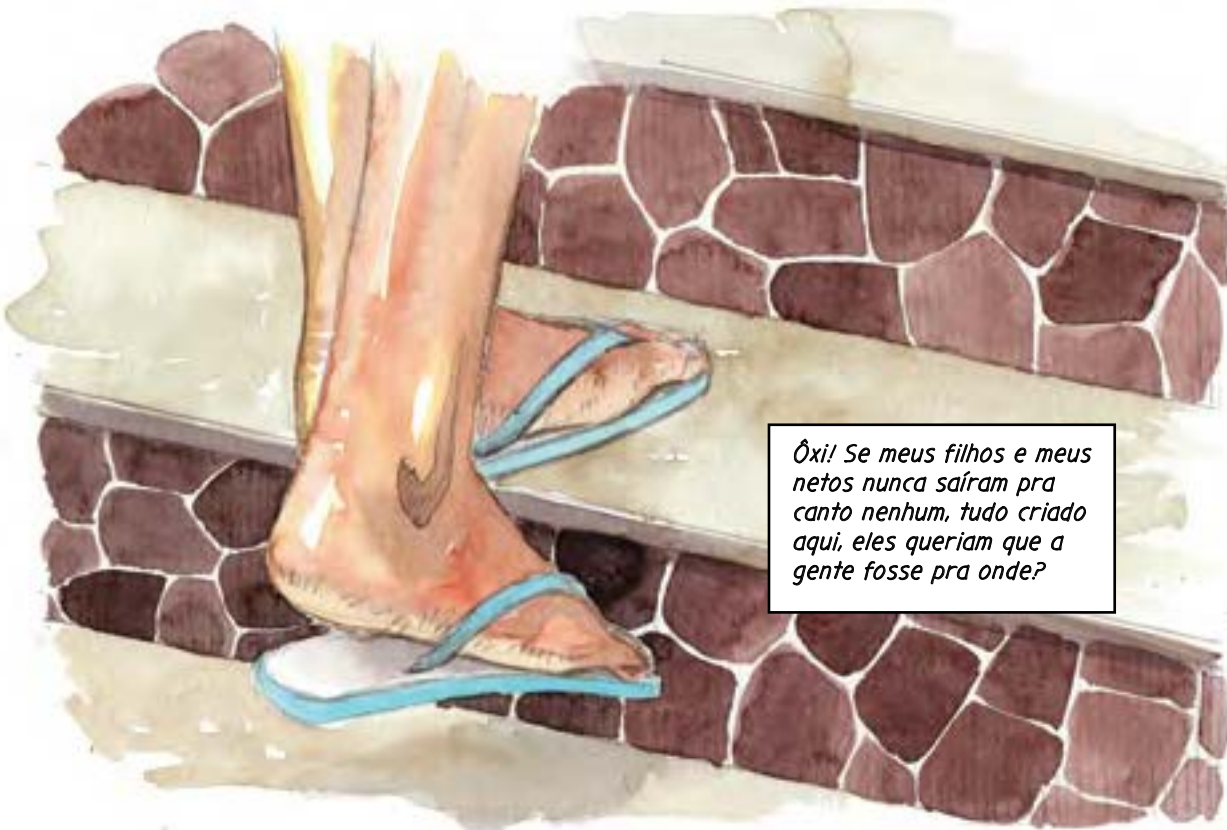


Nós tamos pisando no que é nosso, não tamos pisando em nada de ninguém, não!

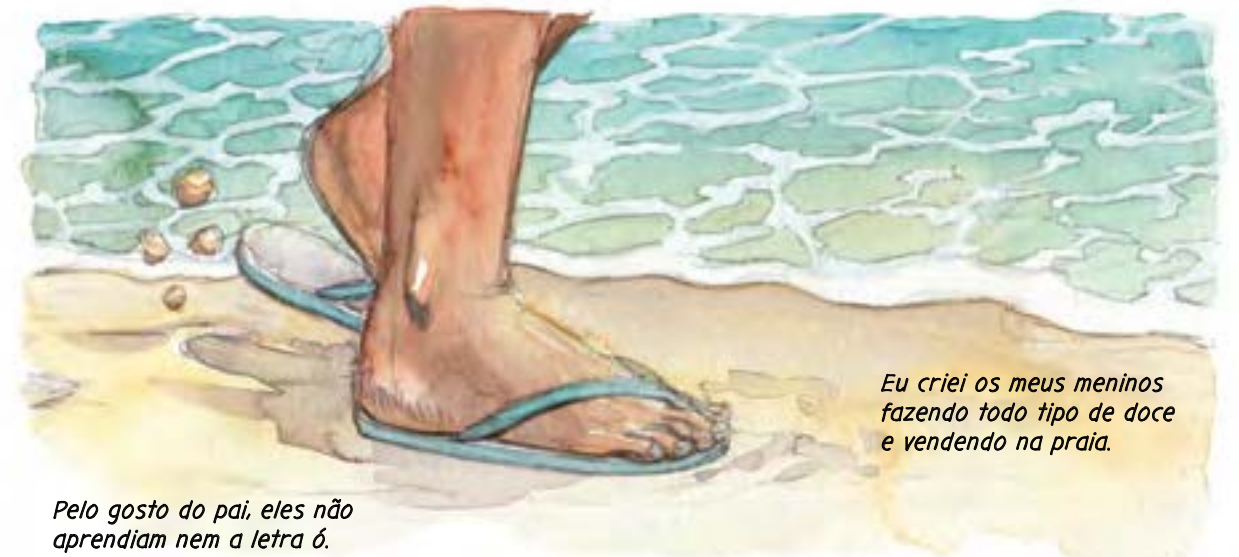


Quando seu Lino morreu, nós continuamos morando aqui.

Os herdeiros queriam botar a gente pra fora, mas eu dei a testa.

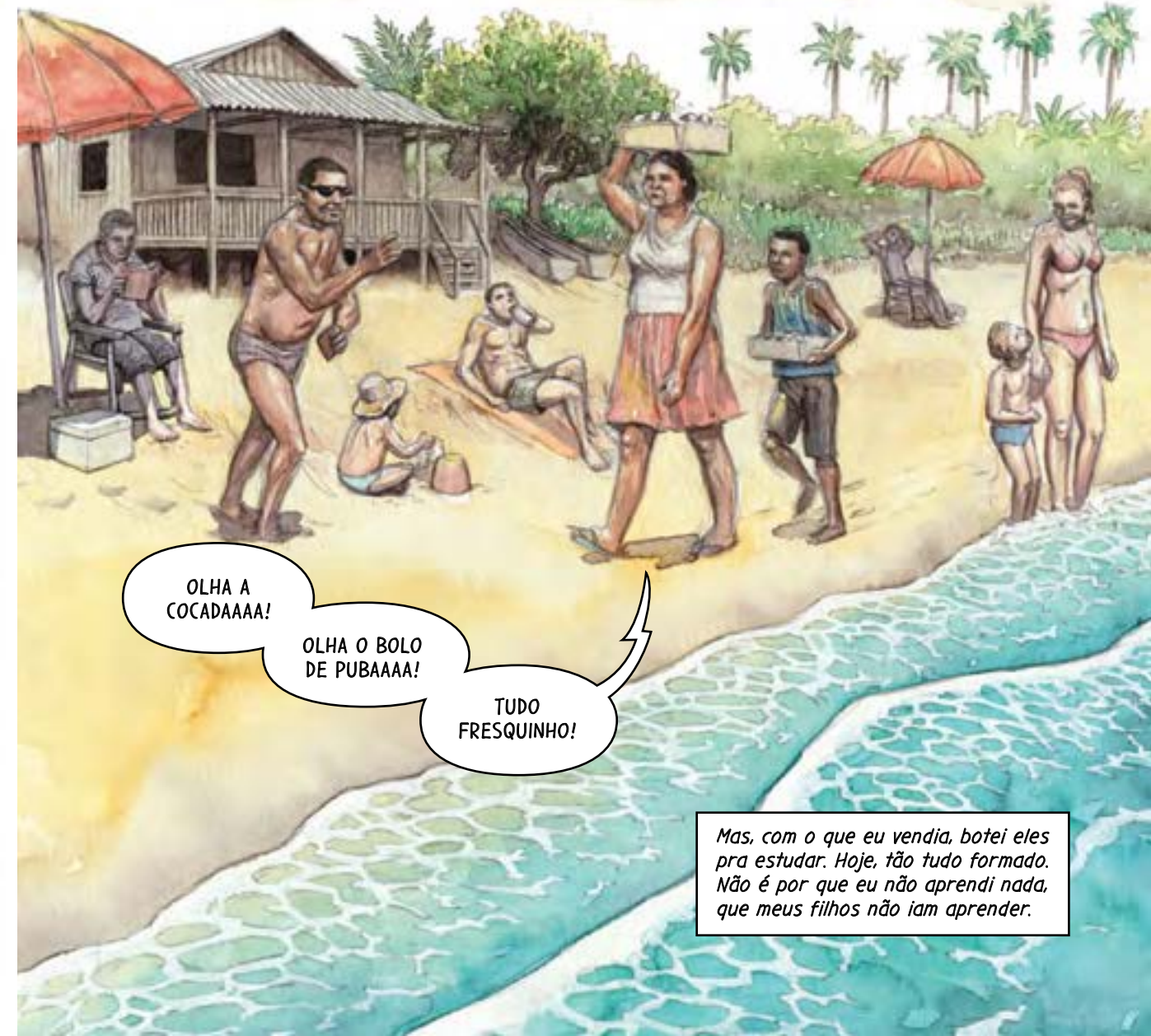


Ôxi! Se meus filhos e meus netos nunca saíram pra canto nenhum, tudo criado aqui, eles queriam que a gente fosse pra onde?



Eu criei os meus meninos fazendo todo tipo de doce e vendendo na praia.

Pelo gosto do pai, eles não aprendiam nem a letra ó.



OLHA A COCADA!!!

OLHA O BOLO DE PUBAAAA!

TUDO FRESQUINHO!

Mas, com o que eu vendia, botei eles pra estudar. Hoje, tão tudo formado. Não é por que eu não aprendi nada, que meus filhos não iam aprender.

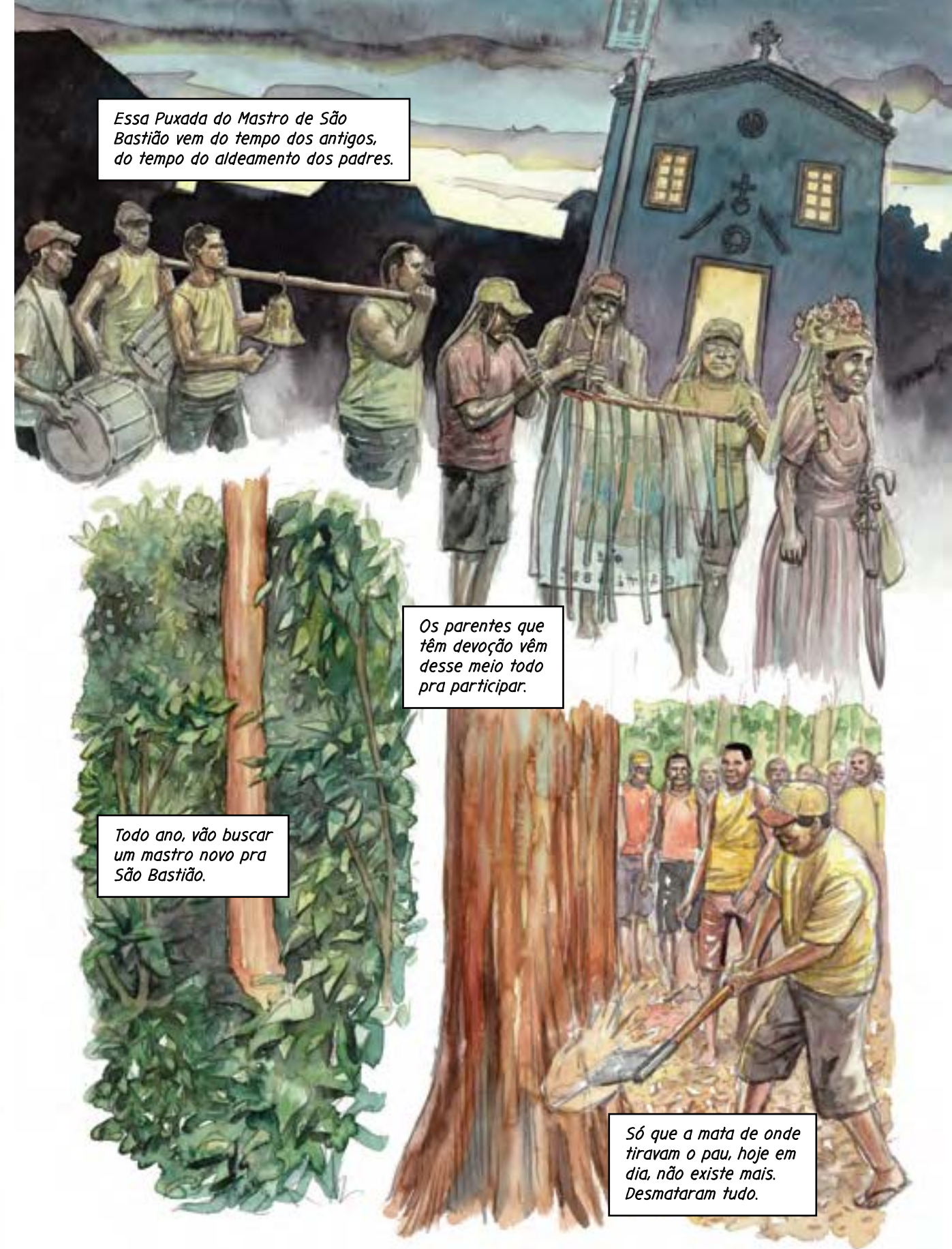


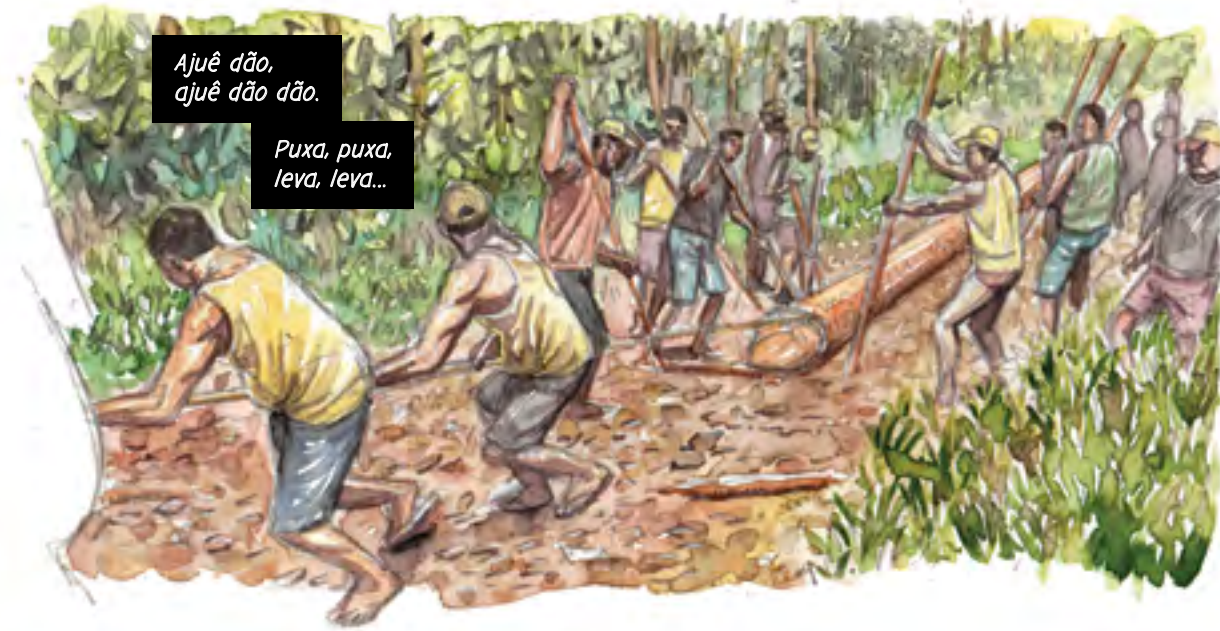
Foi muita luta pra gente sobreviver aqui dentro.



Quando as coisas finalmente tavam melhorando, quando a terra voltou pra nossa mão, veio esse areal, pra esbagaçar tudo.







Ajuê dão,
ajuê dão dão.

Puxa, puxa,
leva, leva...



Pega o pau
de Bastião.

Ajuê dão,
ajuê dão dão.



Ajuê dão
dão virou.

E ajuê dão
dão virá.



Pra esse areal estar
funcionando hoje,
eles fizeram muita
coisa feia aqui.

Prenderam Babau
mais Teite...

Deixaram o parente sem a perna,
com o tiro que o policial deu nele...
Tudo pra defender esse dito areal.

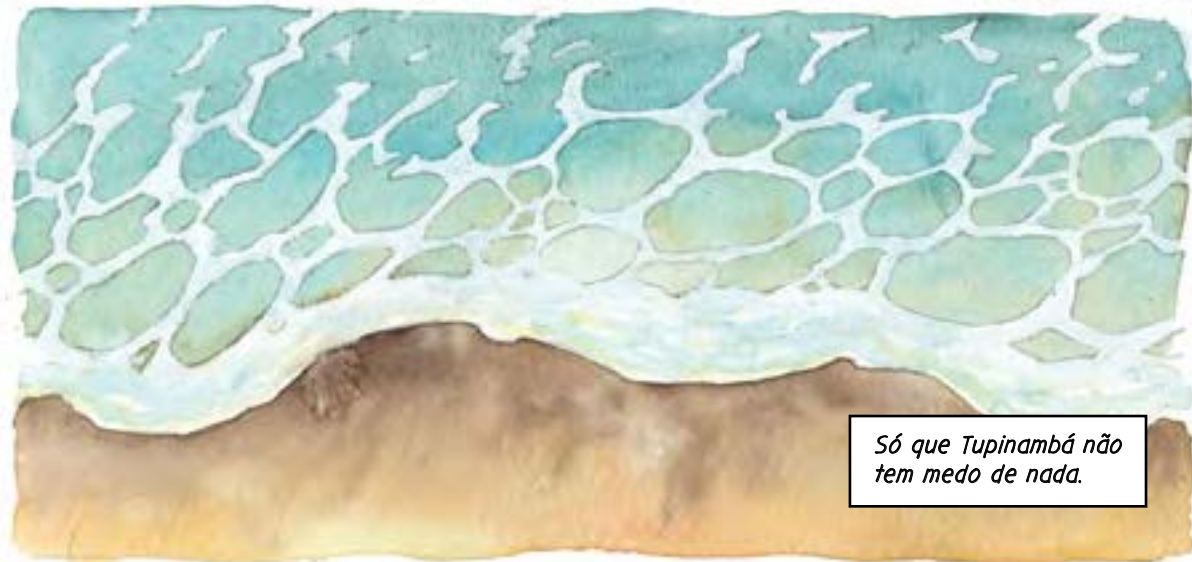
Tem uns filhos meus que vivem
ameaçados de morte, por causa da
briga que nós pegamos mais eles.





A briga não acabou.

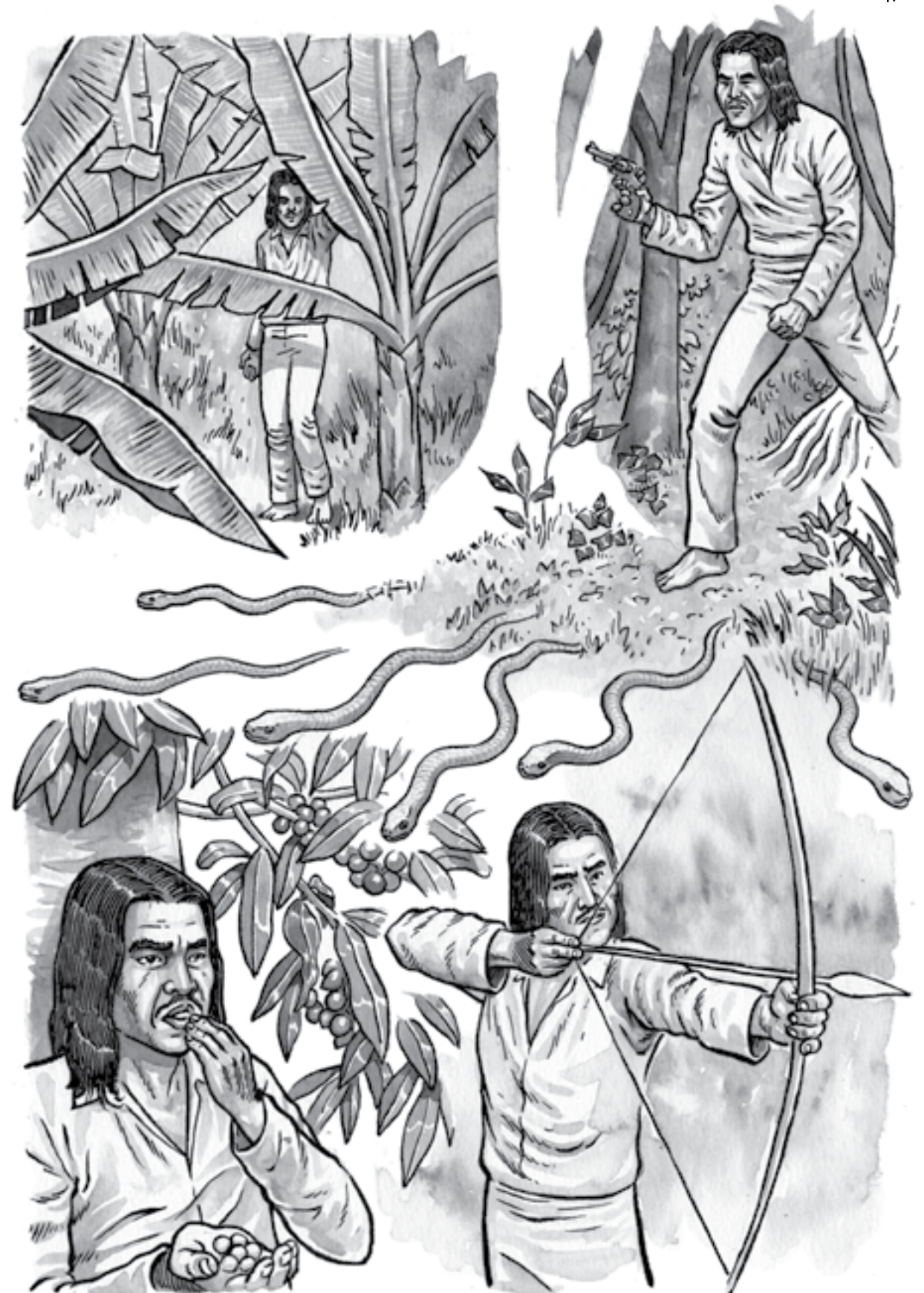
*Esse povo do areal tem
juiz, polícia, político,
tudo do lado deles.*



*Só que Tupinambá não
tem medo de nada.*

Marcellino







Eu tava em casa mais o marido. Com pouca hora, começamos a ouvir os tiros na serra: pôu, pôu, pôu!



Pai, o que é isso naquela serra?

Compadre Antônio Fulgêncio tava dizendo que é o Caboclo Marcellino.

É, Zefa, é Marcellino, procurando os terrenos dele.



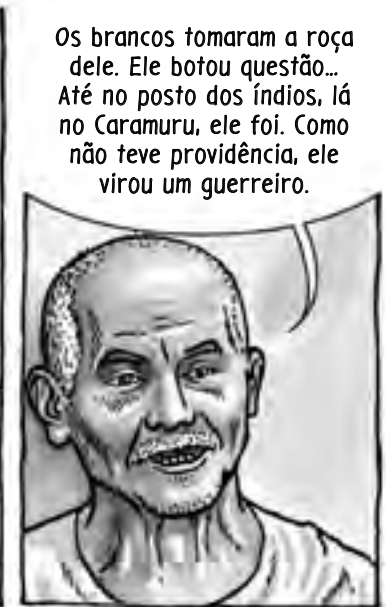
Quando ele desceu da serra pra ir embora pra Olivença, ele passou lá em casa, na porta.



Essas terras eram dele e do povo dele.



Nesse tempo, eu ainda não era nem gente. Eu tinha a idade de um ano, mais ou menos, quando ele se aproximou dessa serra.



Os brancos tomaram a roça dele. Ele botou questão... Até no posto dos índios, lá no Caramuru, ele foi. Como não teve providência, ele virou um guerreiro.



Papai disse que encontrava ele aí dentro, quando ia pra roça.

O finado Aurino contava muita história também, que ele escutava do pai dele.

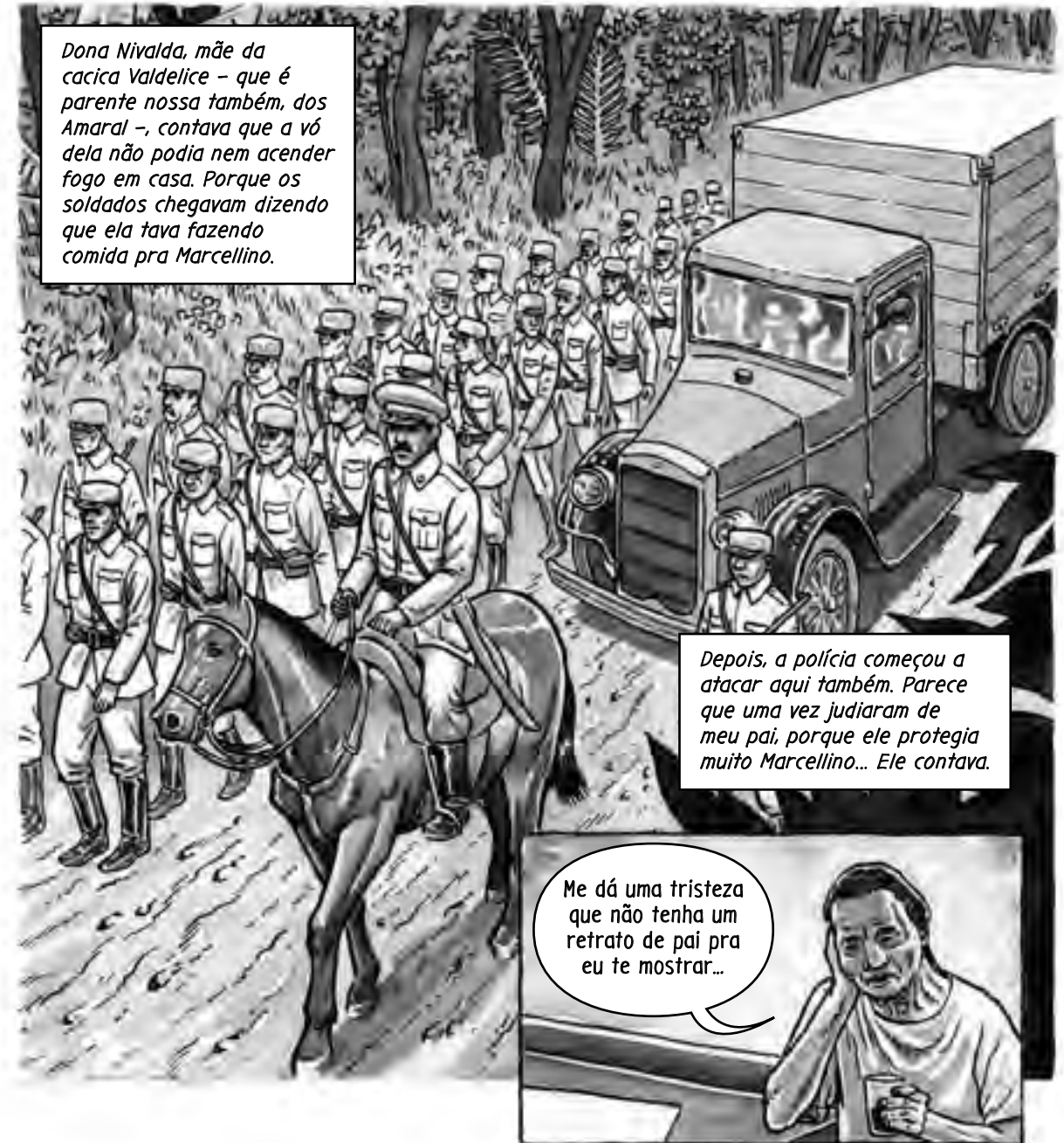
Marcellino ficava lá emriba, debaixo de uma pedrona, que é feito uma casa pra você morar.

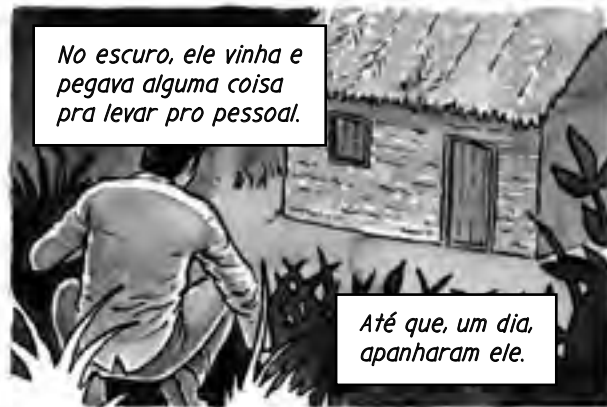
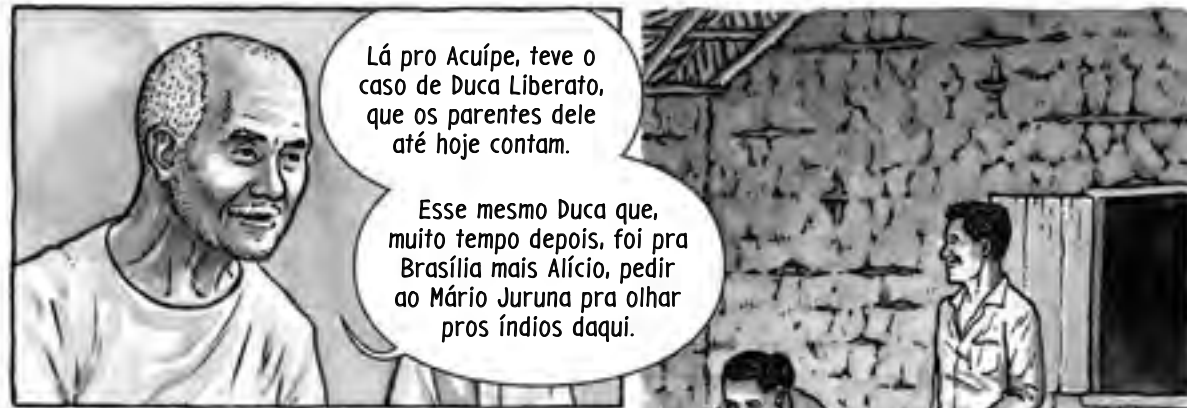


Felis aí sabe onde Marcellino se escondeu.

É, rapaz, mas a memória já não tá boa...

Se eu não tivesse tão ruim das vistas, ia lá mostrar pra senhora...







Só não bateram nos mais novinhos.



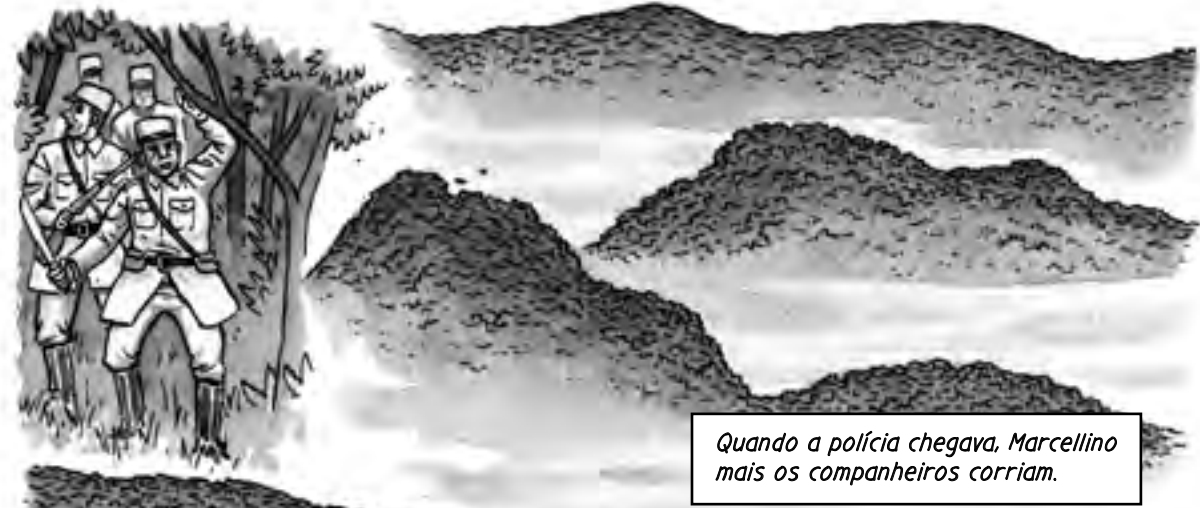
Minha mãe e tio Pedro caíram no reicho, pra dar conta de Marcellino.



Aqui, ó, Estelina, mãe de Felis.



Iam dar conta de Marcellino como, se eles não sabiam onde ele tava?



Quando a polícia chegava, Marcellino mais os companheiros corriam.



Monte Azul, Peito de Moça, Serra do Cabelo, Serra do Padeiro, Serra dos Motas, Serra das Trepes, Poalhas, Serra da Aboboreira, Serra do Mangue...



Eles rodaram esse mundo todo.

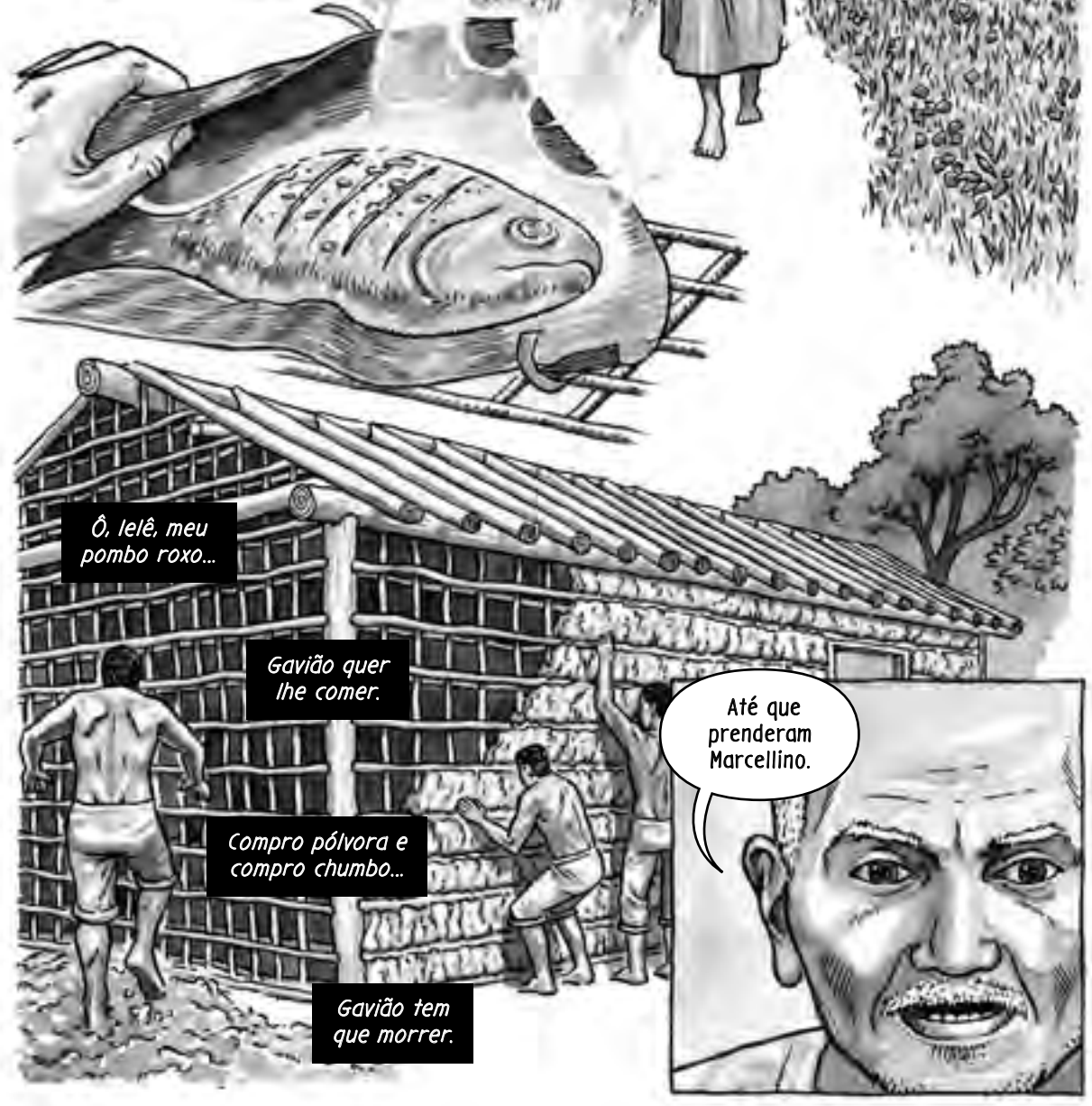


Isso foi no tempo da mata bruta. A gente vivia nessas bocadas aqui dentro.

Não tinha quem se doesse pelos índios.



Daqui no Pontal, pra fazer a feira, eram doze léguas. Não tinha estrada, era vereda. Dois dias andando.



Ô, lefê, meu pombo roxo...

Gavião quer lhe comer.

Compro pólvora e compro chumbo...

Gavião tem que morrer.

Até que prenderam Marcellino.



Marcellino foi preso várias vezes.

Eles queriam eliminá-lo, porque ele organizou os parentes pra resistirem à entrada dos brancos em Olivença.



No começo da década de 1920, Doutor Almeida e outras pessoas de influência se juntaram pra construir uma ponte no rio Cururupe.

Eles queriam facilitar o acesso dos coronéis de Ilhéus a Olivença. Porque, no nosso território, tinha terra boa, matas, águas medicinais...



Tem uma carta deles no jornal, dizendo: se a gente fizer essa ponte, "cessará tudo quanto há de menos conveniente em Olivença". O que era "menos conveniente"? Os índios!



Eles queriam se apoderar de tudo.



O próprio Marcellino e os vizinhos tiveram as roças tomadas por um fazendeiro. Eram umas dez famílias, que viviam no Cururupe, toda vida, tirando piaçaba.

E esse homem botou todo mundo pra fora.



Marcellino resistiu. Aí prenderam, soltaram, prenderam de novo.

Que nem fazem comigo.




Quando foi em 1936, prenderam ele e os companheiros dele.



Ele foi levado pro Rio de Janeiro pra ser investigado, acusado de ser comunista.



Em 1937, ele sumiu.



Ele se entregou na Cajazeira, onde tinha aquele delegado... Esqueci o nome dele...
Lembrei! Era Cyrillo Almeida. Ele se entregou e, daí pra cá, ninguém teve mais notícia.



Vivo, ele não tá mais. Quem sabe a polícia não prendeu, não deportou ele?



Não sei se ele morreu, se mataram ele... Nunca mais ele andou pra cá.



A polícia matou ele, bem ali na Serra das Trempes.



Pegaram ele e levaram pro Rio de Janeiro. Lá, ele virou capitão da Guarda Nacional.



Ele tá vivo! Mora até hoje no posto Caramuru-Paraguassu.



Como ele falava tupi, mandaram ele pra Amazônia, pra domar índio.



Marcellino? Virou encantado.



Depois que sumiram com Marcellino, os índios foram escoraçados.
Muitos parentes não diziam que eram índios, porque tinham medo.
Naqueles doenças de vir pro sul, um bocadinho de gente veio cá tirar posse.

Aí tomavam as terras dos índios. Ou, senão, compravam as roças a troco de nada: uma mula velha, uma garrafa de cachaça, uma casa caindo.

Ou iam botando dívida em cima dos índios. Quando acabava, a pessoa tinha que entregar a terra.

Aí, Doutor Almeida começou a expulsar as pessoas. Mandava medir a terra e expulsava.

Tem famílias inteiras que sumiram, ninguém sabe delas até hoje.



Naquele tempo, ainda tinha muita jagunçada. Almir lembra os nomes deles. Tinha um tal de Salu Barbadura, o outro parece que era Prejuízo...

Tinha também o Sete Estrelas, o Bode Preto...



Foi no tempo em que começou a chegar doença. A varíola acabou com meio mundo. Depois, veio a catapora. Depois, o sarampo...



O paludismo... Era uma febre braba, o povo vivia tremendo. Até os peixes, dentro da água, tremiam.

A pessoa tava enterrando um e já caía no túmulo. Ou, então, chegava em casa e já tava doente.



A terra adoeceu.

Mas os velhos sempre falavam, eles tinham as profecias deles.



Eles diziam: "Tudo vai voltar. As brigas do tempo de Marcellino vão voltar...".



CAMINHADA EM MEMÓRIA DOS MARTIRES DO MASSACRE DO RIO CURURUPE





Pode dizer, caboclo.



Comendo peixe sem sal...



E sem farinha.

Gavião-verdadeiro







O Sucim assobiava e a Caiporinha, vira e mexe, passava tangendo o rebanho dela.



Isso foi antes de tomarem a rocinha de vô e matarem o compadre dele atocaiado.



Hoje, vocês têm vida de ouro, minhas filhas...



Já fazia um bom tempo que vô tava torrando farinha.



Quando pensa que não... Assobiou um gavião-verdadeiro.





A casa de farinha arredeou de gavião, não tinha onde enfiar uma agulha!



Foi! Pros gaviões não comem todo mundo!



E a fornada de farinha queimando...



Vó se agoniou: socou tia Janete e pai debaixo do cocho de farinha.



Pegou um outro cocho e jogou por cima dela.



Não era gavião, entendeu?



Vó começou a rezar.





Os bichos foram assobiando mais longe, mais longe, mais longe...



Quando vó terminou de rezar, eles desertaram. Como fosse uma visagem...



A valência é que ela sabia o Santo Cristo de cor.



Vó teve que jogar aquela fornada todinha fora.



Quando pensa que não, lá vem meu avô.



Não terminou ainda, Isabel?



Isabel?



*Eles ainda esperaram
amanhecer o dia, pra
só depois ir embora.*



Pai aprendeu...

Aqui, ninguém
pode arremedar
passarinho.



Quando me entendi por gente





O último a chegar
é a mulher do
padre!









A lembrança mais antiga que eu tenho é da Bandeira do Divino.



Foi quando eu me entendi por gente.

Eu chorei de medo com o barulho das caixas, mas, quando vô me enrolou na bandeira, eu parei.



Mainha diz que eu nunca fui menino malino.



Já meus irmãos levavam surra de fedegoso dia sim, outro também.



Lia, sempre que podia, se picava pra casa do Vêio Alfredo, pra escutar as histórias que ele contava.



Alfredo disse que, quando ele morrer, ele vira uma onça cabocla e volta pra comer nós tudo!





Naquele tempo, os encantos do ouro viviam mudando de uma serra pra outra.



Você sabia que menino pagão não pode desencantar ouro?



Se tentar, ele se encanta também.



Depois do vento, começou tudo. Primeiro, foi a burrinha.

Um troço ruim, que matou as galinhas tudo.

MAINHAAAAA!



Depois, um pico-de-jaca mordeu pai. Quase aleijou.

Até morrer, muitos tempos depois, pai lutou com essa perna. Quando dava lua cheia, o veneno ficava vivo e mexia no corpo todo.



Depois... Até hoje, não sei bem como aconteceu.

Cosme e Damião, a sua casa cheira...



*Cheira a cravo e rosa,
cheira a flor de laranjeira.*



*Tô com um aperto
no peito...*



*No dia seguinte,
atocaiaram vô.*



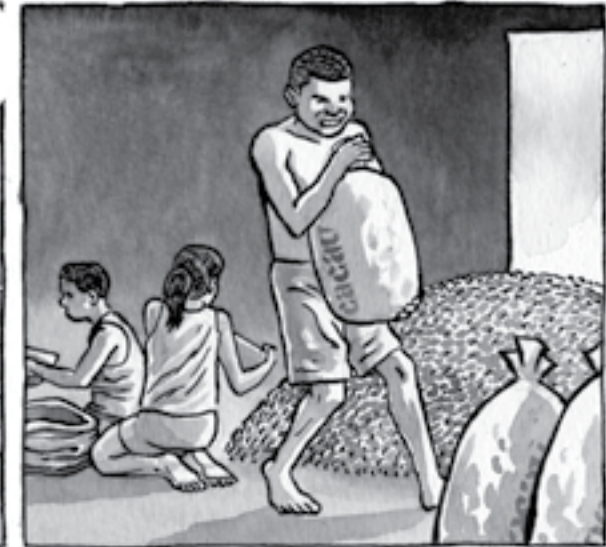
*E Doutor Cesarino moveu o
rumo dele como bem quis.*

*Já tem três anos
que eu ando nesse
deserto, sozinho.*

*Nessa aflição que
eu me vejo, chamo
por São Pastorinho.*



*O patrão mandou
chamar seus meninos
pra irem lá fazer
um favor.*



*Vocês podem ir
embora. E voltem
amanhã cedo.*



*Ô, menina, o patrão
disse que, quando ele
for na rua, te traz
um sabonete.*



*Olha, é o pé
de manga de
tia Neildes!*

Dizem que menino não presta atenção em nada, mas eu lembro.

Tia recebia um caboclo.



E o caboclo sempre, sempre dizia...



"Vai chegar o tempo em que os índios vão tomar a terra de volta."



O sangue puxa





Nós somos os brotos, nós brotamos dos troncos velhos.

Nós somos nascidos e criados na terra, então, nós temos força.



Daqui, a gente não pode sair. Pode andar o mundo todo, mas tem que voltar.



A geração velha se acabou, ficaram as novas.

Parentagem nunca termina...



Vó, o carro com tia Rosa e os meninos chegou!





Eu não sabia quando, nem como, mas eu tinha certeza que um dia eu ia voltar pra onde mãe enterrou meu umbigo!



Você seja bem-vinda, viu, minha prima?

E os dois parentes que chegaram de pouco, também. Antonieta e menino...

Como é? Valter.



Pai teve que baixar a cabeça e o homem cortou o rumo onde quis. Tomou o melhor pedaço da roça.



Quando o homem tomou a burarinha de pai, disse que, se ele bótasse questão na justiça, tirava a vida dele.

Naquele tempo, mandava quem tinha clavinote.



Tia veio conversar comigo. Eu não vou entrar em detalhe aqui, mas eu disse a ela o que digo a todo mundo da aldeia: parente que quer voltar e não tem meios, parente que quer andar direito, a gente manda buscar.



Eu dou um jeito! Tupinambá não é pra morar em favela, pra trabalhar escravo pros outros, pra morrer matado e ninguém nem saber quem era!

Tupinambá é guerreiro, Tupinambá é orgulhoso!



Mãe pedia caroço de farinha, como se fosse pra dar a porco ou a galinha. Mas era pra gente comer.



A terra ficou pequena. Então, a gente teve que se esparramar pelo mundo.

Das meninas-mulheres, a mais caçula... Mãe chora até hoje, porque ninguém sabe o que foi feito dela.



E aqui, minha filha, fome ninguém passa. O que tiver, nós comemos. O que faltar, Santana inteira.



A gente sabe que vocês são pessoas sofridas, que nunca tiveram boa vida, que nunca tiveram descanso. Todo mundo tem que ter sua casa.



Você imagina o que é colocar os cacarecos em cima da cabeça e sair pra qualquer ponta de rua, sabendo que a terra é sua?



Criei meus filhos tudo, pegando empreitada em fazenda.



Trabalho de homem, eu fazia. Roçava tiririca no meio do pasto, com enxadão.



Rodei essas fazendas tudo.



Naquele tempo, trabalhava na diária, a troco de nada.



A gente não é de outro lugar, não. Meus avós nasceram tudo pros matos. Meu pai, minha mãe... Eu nasci pro mato também.



Cheguei na rua sem nada, fui só com o dinheiro da passagem. Os meninos, eu deixei com o pai.



Você não come direito, você não dorme direito, você tem que ficar quietinha ali, pra não colocarem você na rua.



A mulher disse que pagava tanto. No fim do mês, não deu nem a terça metade. Falou que tinha que abater a comida, não sei mais o quê, tanta coisa...



A parteira que me segurou morava em São José. Mãe morreu de parto, penando. E eu fiquei no mundo.



A luta não começa agora. Foi a vida toda.



Na rua, pra tudo, precisa de dinheiro. Quando junta aluguel, luz, água, termina o mês, não sobra nada.



E ali você vive abafado, isolado, numa correria brava, dando dia aos outros.



Saí procurando o que nunca ia encontrar. Andei tudo e não encontrei nada. Até o dia em que eu falei...





Foi no tempo das primeiras retomadas, que o sonho começou.

Mãe mandava recado, ela dava um jeito e me avisava. E os caboclos me mostravam.



Meu São Sebastião, no pé do seu cruzeiro...

Olha pra seus filhos e protege o mundo inteiro.

Um dia, eu tive certeza: se eu não voltasse pra aldeia, eu endoidava.



O sangue puxa. E os encantados empurram...

Amanhã você passe em casa, viu, filha?

Eu vou, sim, minha madrinha.



Joana queria lhe ver, mas hoje ela foi fazer feira. Tá com uns cinco meses que ela veio embora de Brusque.



Ela, mais o marido e os filhos. Diz que agora voltou de vez.



Tchau, Valtinho! Apareça lá em casa também, viu?



Os lugares em que você andou, você não vai conhecer mais.

Onde antes só tinha uns toros desse tamanho derrubados no chão, encapoeirou de novo. Tá tudo voltando...



Tudo que vê, calado é mió





Tem gente
que não
acredita.



Mas é como a
Véia Maria diz...



Tudo que
tem nome,
tem dono.



Ninguém me contou: eu vi.



Naquela bocada onde não passa ninguém...



Eu topei com a Dona do Mato.



Arre!
Aquieta!



Teim



Ô, peste!



Hã, agora é que eu não escapo de uma visita ao ferreiro...





Ela dizia que, todo dia, ele ia pro mato. Todo dia. E todo dia, quando voltava, vinha com caça.

Quando viram, ele trouxe um filho do mato - a Comadre tinha parido, e era dele.



Preciso encontrar com ela de novo.



Bom dia, seu Raimundo, o que o senhor manda?

Bom dia.



O senhor acredita que...




Ontem, eu fui atrás de uma cacinha naquela baixa ali pro lado dos Costa e...



Retomada





Nós tamos em nossa terra, não saímos nem mortos.

Porque o cemitério é aqui mesmo.

Tudo que foi previsto pelos encantados tá acontecendo.

Muitas aldeias vão se levantar ainda. Muitos povos vão se erguer.





Tem que fazer um toré arrochado.

É mesmo, tia.



Tô pressentindo que os encantados vão virar a noite vadiando nesse terreiro.



A gente só retoma uma fazenda se os encantados autorizarem. Senão, é perigoso.



Na festa de São Sebastião, que Deus botou na frente pra nos alumiar...



Os encantados baixam de todos os domínios pra nos aconselhar.

Depois que a gente começou a luta, vieram caboclos que nunca tinham aparecido antes, trazendo cantos novos.

Meu São Sebastião,

Sua espada está no mar...



Enfincada numa pedra, só Jesus pode arrancar.





Às vezes, eu ainda sonho com o ataque de 2008.



A estrada ficou vestida de casca de bala.



Toda vez que ia ter um ataque da polícia, a Vêia Maria acordava com um pressentimento ruim.

Parece que tá derramando fel dentro de mim.



PRENDERAM BABAU!
PRENDERAM BABAU!



Nosso desespero só foi aumentando.



Alguém tem que dar um jeito nesses ladrões de terras de uma vez por todas!

Buerarema não tem homem?



Polícia, juiz, pistoleiro: tudo em cima da gente.

Quem luta, é assim mesmo.



Mas nós sempre botamos os policiais e os pistoleiros pra correr.



Eu acendi uma vela, Lá detrás do toco.

Eles passavam de junto da gente e não viam.



Pra queimar a língua De quem fala de caboclo.

Você sabe o que é ver a bala vindo na sua direção, vermelhinha, pegando fogo, e de repente esfriar e cair nos seus pés?

Eram os encantados que desviavam as balas.



Eu acendi uma vela, Lá detrás do toco.

Nós botamos eles pra correr com os nossos cantos e as nossas estratégias.

Pra queimar a língua De quem fala de caboclo.



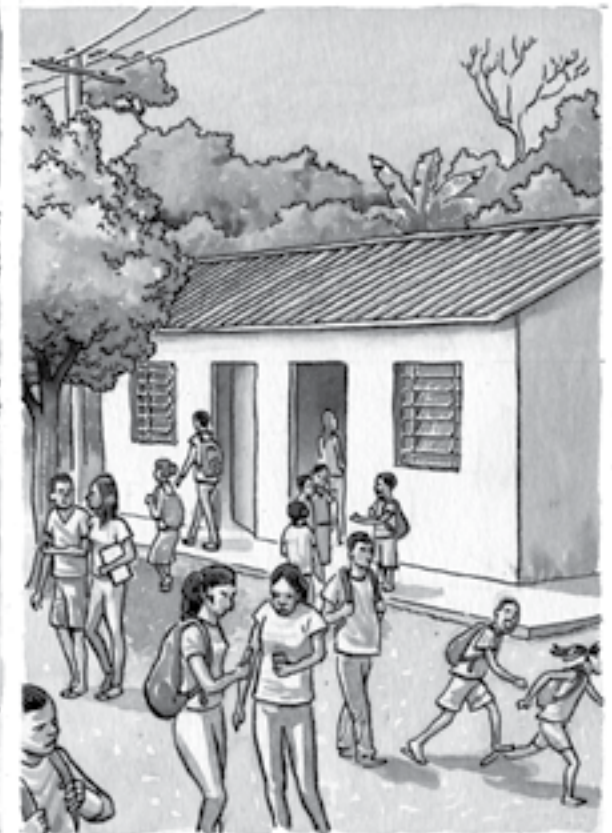


E desce mais uma cerveja.

Hoje não tem saideira.

*Traz cachaça pra
minha mesaaa.*

*Silvanno Salles, o
cantor apaixonado!*





Só viviam pisando nas costas da gente. Mas nós nos levantamos.

Eles podem escrever: Tupinambá não abaixa a cabeça e não chora diante do perigo.



Sobre este livro

Daniela Fernandes Alarcon

Vitor Flynn Paciornik

Glicéria Jesus da Silva

Desde o início dos anos 2000, o povo Tupinambá está mobilizado para exigir do Estado brasileiro a garantia de seus direitos territoriais. O processo de demarcação da Terra Indígena Tupinambá de Olivença começou em 2004, mas ainda não foi concluído, violando todos os prazos legais. A área — que se estende por cerca de 47 mil hectares, abarcando porções dos municípios de Buerarema, Ilhéus, São José da Vitória e Una, no sul da Bahia — é habitada por cerca de cinco mil indígenas. Unidos por vínculos de parentesco, eles se distribuem por mais de vinte localidades, entre as quais a aldeia Serra do Padeiro, onde fincam pé as histórias deste livro.

Não é intuito deste breve texto comentar sistematicamente as narrativas ou enquadrá-las em uma contextualização detalhada. Pretendemos apenas expor aspectos da produção do livro e remeter a algumas fontes às quais recorreremos no processo e que, eventualmente, podem ser úteis para quem deseja se aprofundar. É importante notar que já existe um amplo conjunto de obras em torno do contexto tupinambá. Os trabalhos citados nas Referências, mais adiante, são apenas uma pequena parcela. Antes delas, apresentamos também um Glossário.

As sete histórias deste livro moldam reminiscências e relatos diversos, para se aproximar da trajetória do povo Tupinambá. Ao tempo que são todas atravessadas

por sujeitos conhecidos, lugares que compõem o território indígena, entidades não humanas que o habitam e acontecimentos da história vivida, elas abrigam também personagens, lugares e circunstâncias inventados — lastreados, porém, no horizonte de experiências da Serra do Padeiro.

Ainda que não se pretenda aqui desemaranhar essas camadas, vale situar os episódios em torno dos quais giram as duas primeiras narrativas. “A briga do areal” focaliza acontecimentos ocorridos entre fins de 2015 e meados de 2016, na mobilização contra o Areal Bela Vista, antes conhecido como Areal Rabo da Gata. Situado na Terra Indígena Tupinambá de Olivença, ele tem provocado severos danos socioambientais, com a retirada diária de toneladas de areia para a construção civil. “Marcellino”, por sua vez, volta-se à trajetória de Marcellino José Alves, que, nas décadas de 1920 e 1930, mobilizou companheiros para fazer frente ao avanço de não indígenas nas terras tupinambá, desaparecendo em 1937. Separados por décadas, ambos os eventos dão mostras da atuação tupinambá em defesa de seu território e de sua autonomia.

As narrativas se assentam em descrições oferecidas por nossos interlocutores, inscritas em um processo de rememoração entre parentes que remete aos *encantados* e aos *troncos velhos*, e cria condições para a imaginação de um futuro comum. São memórias produzidas na luta, que desestabilizam a historiografia hegemônica e a memória oficial. Para construir os roteiros, mobilizamos dados etnográficos inéditos — produzidos especificamente para este livro ou inscritos em pesquisas com horizonte mais amplo —, combinados com informações de trabalhos acadêmicos, livros e fontes jornalísticas.

Em busca de pistas visuais, acessamos documentos dos acervos da Associação dos Índios Tupinambá da Serra do Padeiro (AITSP), da Biblioteca Nacional, do Centro de Documentação e Memória Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz (Cedoc/Uesc), do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), da Justiça Federal em Ilhéus e do Museu de Una.

Da maior importância para a composição do repertório das narrativas foram as imagens em diferentes suportes (entre os quais, monóculos fotográficos, retratos de parede e fotografias 3×4) mantidas nos acervos pessoais da Serra do Padeiro, especificamente de seu Almir Alves Barbosa, dona Dai (Dilza Bransford da Silva), Dé (Derivaldo Ferreira da Silva) e Lucia (Lucilia Maria dos Santos), seu Domingos Oliveira da Hora e dona Miúda (Maria Brasilina dos Santos), seu Felisberto Fulgêncio Barbosa e dona Aninha (Ana Maria Monteiro de Melo Barbosa), seu Lírio (Rosemiro Ferreira da Silva) e dona Maria da Glória de Jesus.

Recorremos ainda a fotografias que produzimos especificamente para este projeto, assim como a acervos fotográficos reunidos nos últimos anos por pesquisadores que atuam junto aos Tupinambá, em particular Daniela Fernandes Alarcon, Erlon Costa e Nathalie Pavelic. Sequências do documentário *Tupinambá – O Retorno da Terra* (2015) e particularmente do vídeo-denúncia *Areal* (2016) também nos serviram de referência.

Todos os cantos de *toré*, de trabalho e de *sentinela* que figuram no livro foram registrados na Serra do Padeiro. Em “Marcellino”, por exemplo, os versos do gavião e do pombo roxo entoados na tapagem da casa compõem um canto de trabalho retido por seu Almir, que

figura também, ligeiramente modificado, nas *Trovas brasileiras* (Peixoto, 1944, p. 125). O canto que se escuta na *sentinela* do avô, em “Quando me entendi por gente”, ainda faz aparições contemporâneas em funerais de *pecadores*, isto é, de adultos, com versos organizados em crescendo de um a doze; modificado, é considerado *bendite de oração*, cantado em procissões.

A música que domina a Puxada do Mastro de São Sebastião, “Ajuê Dão”, segue o registro de Costa (2013, p. 120). Já os versos no início de “Marcellino” remontam ao *ABC de Marcellino*, cordel que teria circulado em seu tempo, relatando suas proezas. Ainda que não se tenha notícia de exemplares preservados, os versos foram recitados a Couto (2003, pp. 59-60) por Valter José Alves, sobrinho de Marcellino. Também de Couto (2003, p. 70), extraímos a *loa de Marcellino*, relatada à antropóloga por dona Nivalda do Amaral e com a qual encerramos a história.

Os Tupinambá consideram que os *encantados*, entidades não humanas que habitam o território e com quem convivem intimamente, são os *donos da terra*. Além de constituir a *morada dos encantados*, o lugar de repouso dos mortos, o âmbito dos bichos e de outras classes de seres, a terra é a condição de possibilidade de um projeto coletivo assentado no *viver bem*. E ela vem sendo corajosamente *libertada*, conforme os Tupinambá atuam para reverter o esbulho. É essa utopia concreta que movimenta as histórias deste livro.

Glossário

Apresentamos a seguir definições operativas de termos referidos no livro que podem suscitar dúvidas. Entre colchetes, elencamos as histórias em que cada um é utilizado.

Acuípe: localidade no sul da Terra Indígena Tupinambá de Olivença; subdivide-se em Acuípe de Baixo, Acuípe do Meio e Acuípe de Cima [“Marcellino”].

Aldeamento dos padres: referência ao aldeamento jesuítico de Nossa Senhora da Escada; estabelecido em 1680, no que hoje corresponde à sede do distrito de Olivença, em Ilhéus, é um marco da territorialização da população indígena da região [“A briga do areal”].

Bandeira do Divino: alusão ao percurso feito anualmente por dois grupos de romeiros que partem de Olivença, a pé, conduzindo bandeiras vermelhas com a imagem do Divino Espírito Santo, no intuito de arrecadar esmolas para a Festa do Divino, realizada no dia de Pentecostes, cinquenta dias após o domingo de Páscoa [“Quando me entendi por gente”].

Botar questão: abrir processo na justiça; apelar ao sistema judicial foi uma das vias de ação historicamente empregadas pelos Tupinambá na tentativa de resistir ao esbulho; diz-se *botar questão na justiça* ou apenas *botar questão* [“Marcellino” e “O sangue puxa”].

Broto: termo utilizado entre os Tupinambá para se referir aos indígenas das novas gerações, em contraste com os antepassados, aos quais os primeiros estão unidos pelo *sangue*; muitas vezes se enfatiza a capacidade dos

indígenas de *brotar* e *se criar* a despeito de sucessivos massacres; para uma categoria de parentesco relacionada, ver *tronco velho* ["O sangue puxa"].

Brusque: alusão ao município de Santa Catarina, um dos destinos recorrentes da diáspora tupinambá ["O sangue puxa"].

Burarinha: posse ou propriedade de dimensões reduzidas; quando aludem a *buraras*, *burarinhas*, *sítios* ou *roças próprias* detidas por seus antepassados ou por si próprios, os Tupinambá frequentemente os contrastam às *fazendas* ou *conjuntos*, áreas de maior extensão em mãos de não indígenas, frutos do esbulho ["O sangue puxa"].

Burrinha: enfermidade que acomete galinhas e outras aves de criação; na Serra do Padeiro, é também referida como *murrinha* ["Quando me entendi por gente"].

Caboclo: categoria polissêmica engendrada pelo contato interétnico; se, de um lado, pode ser usada com sentido pejorativo, para estigmatizar indígenas ou negar sua identidade, de outro, é frequentemente empregada pelos próprios Tupinambá na acepção de *indígena* ou como sinônimo de *encantado* ["A briga do areal", "Marcellino", "Quando me entendi por gente" e "Retomada"].

Caipora: entidade associada, entre os Tupinambá, às matas e ao domínio da caça; por vezes, deixa-se ver, podendo assumir aparências diversas; pode também ser referida como *Dona do Mato*, *Comadre*, *Caiporinha* ou mesmo no plural, aludindo a uma classe de entidades, as *doninhas do mato* ["Gavião-verdadeiro" e "Tudo que vê, calado é mió"].

Cajazeira: localidade ao norte da Serra do Padeiro, banhada pelo rio de mesmo nome ["Marcellino"].

Clavinote (mandava quem tinha clavinote): espingarda curta, o mesmo que *carabina*; entre os Tupinambá, a expressão *mandava quem tinha clavinote* alude ao *tempo dos coronéis*, período marcado pelo poder de chefes políticos locais e outras figuras da elite, que frequentemente mobilizavam bandos de jagunços ["O sangue puxa"].

Comadre: ver *Caipora* ["Tudo que vê, calado é mió"].

Cortar o rumo: estabelecer a divisa entre posses ou propriedades rurais; quando se diz que alguém *cortou o rumo como bem quis* ou *moveu o rumo*, sustenta-se que houve apossamento indevido de porções de uma ou mais áreas contíguas àquela que teve a extensão aumentada, valendo-se para isso de ameaças, procedimentos com verniz de legalidade ou outros mecanismos; a alusão à prática de *cortar o rumo* indevidamente é recorrente nas descrições dos Tupinambá sobre o processo de esbulho ["O sangue puxa"].

Cuarana (surra de cuarana): vegetal frequentemente empregado na Serra do Padeiro para fins rituais; o termo parece não ocorrer em outros contextos; talvez seja o mesmo que *coerana*, designação comum a diversos arbustos; quando se considera que um ambiente está *carregado*, pode-se *limpá-lo* com uma *surra de cuarana*, isto é, batendo vigorosamente com galhos e folhagens do vegetal no piso e nas paredes ["Retomada"].

Cururupe: localidade que abrange parte do norte da Terra Indígena Tupinambá de Olivença, onde se situam a praia e o mangue do Cururupe, na foz do rio de mesmo nome; em 1559, a praia foi cenário da Batalha dos Nadadores, massacre comandado por Mem de Sá contra indígenas da região ["Marcellino"].

Dar dia aos outros: em sentido amplo, trabalhar para não indígenas, independentemente da função ou modalidade laboral, seja em áreas rurais ou urbanas; a expressão frequentemente alude à subordinação, à imposição do tempo do patrão e a diversas formas de cerceamento à atualização dos modos de vida indígenas; por vezes, diz-se apenas *dar dia*; para o sentido estrito da expressão, ver *diária* [“O sangue puxa”].

Diária (trabalhar na diária): modalidade laboral comumente empregada em fazendas de cacau e em outras situações de trabalho para não indígenas, prevendo o pagamento de um valor fixo por jornada trabalhada; por vezes, a expressão mais ampla *dar dia* é utilizada em sentido estrito, como sinônimo de trabalho na *diária*; para uma modalidade contrastante, ver *empreitada* [“O sangue puxa”].

Dona do Mato: ver *Caipora* [“Tudo que vê, calado é mió”].

Empreitada: modalidade laboral comumente empregada em fazendas de cacau e em outras situações de trabalho para não indígenas, prevendo o pagamento por tarefa concluída, por exemplo, a roçagem de uma área ou o plantio de uma roça; também se diz trabalhar na *empreitada* ou *por produção*; para uma modalidade contrastante, ver *diária* [“O sangue puxa”].

Encantado: entidade não humana; centrais na cosmologia tupinambá, os *encantados* possuem domínios territoriais específicos e são capazes de se comunicar com os indígenas de diferentes formas [“A briga do areal”, “Marcellino”, “O sangue puxa” e “Retomada”].

Encantes do ouro: tipo de encanto, que, de acordo com os Tupinambá, permanece incrustado em rochas espalhadas pelo território, manifestando-se por meio de ruídos

(choros ou gemidos), na forma de uma menina loira, ou como fochos de fogo ou clarões no céu (nesse caso, quando está se mudando de uma pedra a outra); quem consegue *desencantá-lo*, enrica, mas se trata de tarefa complicada e muito perigosa [“Quando me entendi por gente”].

Encapoeirar: verbo empregado, entre os Tupinambá, para aludir ao processo de regeneração, com surgimento de mata secundária, de uma área que foi desmatada [“O sangue puxa”].

Fechamento de trabalho: rito de passagem estabelecido por João de Nô (João Ferreira da Silva, c. 1905-1981), considerado o primeiro rezador da Serra do Padeiro, e hoje conduzido por seu Lírio (Rosemiro Ferreira da Silva), pajé da aldeia; após um período de obrigações e interdições de comportamentos, realiza-se um ritual em que seu Lírio, em mediação com os *encantados*, fecha o corpo de quem está se submetendo ao processo, de modo a lhe conferir proteção e torná-lo parte de uma comunidade de iniciados [“A briga do areal”].

Fedegoso: vegetal que se costumava utilizar para punir fisicamente crianças quando seus comportamentos eram considerados indevidos [“Quando me entendi por gente”].

Festa de São Sebastião: realizada anualmente em janeiro, constitui o principal evento do calendário da Serra do Padeiro; no festejo, os *encantados* transmitem orientações fundamentais para os rumos da ação indígena no ano que se inicia [“A briga do areal” e “Retomada”].

Lá ele: expressão utilizada para afastar infortúnios ou má sorte, quando o interlocutor ou a própria pessoa alude a algo indesejado que aconteceu ou que se acredita que

possa vir a acontecer [“Quando me entendi por gente” e “Retomada”].

Lapa: alusão ao município de Bom Jesus da Lapa, situado no oeste da Bahia, à beira do rio São Francisco; é conhecido por seu santuário, que atrai numerososromeiros, inclusive entre os Tupinambá, assim como pelo comércio pujante [“Quando me entendi por gente”].

Louvação: sessão de reza em comunicação com os *encantados*; estabelecidas por João de Nô, as *louvações* foram continuadas por seu Lírio [“A briga do areal”].

Malino: aquele que *malina*, isto é, que faz traquinagens [“Quando me entendi por gente”].

Manifestado (ficar manifestado por): os Tupinambá acreditam que os *encantados* se manifestam em determinados indígenas por meio de incorporações; o mesmo que *receber caboclo* ou *receber encantado* [“A briga do areal”].

Mesa dos Cosmes: alusão aos festejos em devoção a Cosme e Damião, frequentes na Serra do Padeiro e geralmente referidos como *carurus* ou *ceias dos Cosmes*; na ocasião, arma-se uma *mesa*, estendendo-se uma toalha no chão, em torno da qual são dispostas crianças às quais se oferecem diferentes pratos, doces e outras guloseimas; a data da festa, o cardápio, a quantidade e a distribuição de gênero das crianças, entre outras características, variam, a depender de quem *paga a obrigação* [“Quando me entendi por gente”].

Mover o rumo: ver *cortar o rumo* [“Quando me entendi por gente”].

Oiti: árvore de frutos comestíveis; na Serra do Padeiro, é associada em alguma medida à aparição de visagens [“Quando me entendi por gente”].

Onça cabocla: entidade comedora de gente; entre os

Tupinambá, diz-se que alguns indígenas se transformam em *onça cabocla* depois de mortos ou quando já estão bastante velhos; a única forma de matá-la é disparar com arma de fogo utilizando a mão esquerda e projéteis embebidos em cera; também referida como *onça da mão torta* [“Quando me entendi por gente”].

Piaçaba: palmeira de larga utilização econômica na região litorânea da Terra Indígena Tupinambá de Olivença; serve para confecção de vassouras e cobertura de cabanas de praia, entre outros fins; também referida como *piaçava* [“A briga do areal” e “Marcellino”].

Pico-de-jaca: cobra considerada muito venenosa, frequentemente referida entre os Tupinambá da Serra do Padeiro; diz-se que sua pele tem a textura e o odor da fruta [“Quando me entendi por gente”].

Ponta de rua: expressão frequentemente usada entre os Tupinambá da Serra do Padeiro para se referir aos bairros pobres das pequenas cidades da região ou a favelas e periferias de grandes municípios [“O sangue puxa”].

Pontal: bairro no sul de Ilhéus, separado do centro pela baía do Pontal [“Marcellino”].

Posto dos índios: alusão ao postos indígenas situados na Reserva Indígena Caramuru-Catarina Paraguassu, estabelecida pelo Serviço de Proteção aos Índios em 1926, no que hoje corresponde a porções dos municípios de Camacan, Itaju do Colônia e Pau-Brasil (Bahia), e habitada pelos Pataxó Hãhãhã [“Marcellino”].

Puba: derivado da mandioca obtido por fermentação, utilizado em preparos como beijos, bolos e mingaus; também conhecido como *carimã* [“A briga do areal”].

Puxada do Mastro de São Sebastião: festejo realizado em Olivença anualmente, em janeiro; na ocasião, busca-se

na mata um tronco para substituir o mastro que sustenta a imagem de São Sebastião diante da igreja de Nossa Senhora da Escada; tradicionalmente, o mastro provinha de uma mata situada na retomada Guarani Taba Atã, severamente degradada pela exploração comercial de areia e brita para a construção civil [“A briga do areal”].

Receber caboclo: ou *receber encantado*; ver *manifestado* [“Quando me entendi por gente”].

Receber os tempos: ato de receber do patrão aquilo que é devido quando se deixa o emprego [“O sangue puxa”].

Santaninha: localidade no interior da Terra Indígena Tupinambá de Olivença [“Marcellino”].

São José: referência ao município de São José da Vitória, que tem uma de suas porções no interior da Terra Indígena Tupinambá de Olivença [“O sangue puxa”].

Sapucaieira: localidade no interior da Terra Indígena Tupinambá de Olivença [“Marcellino”].

Sentinela: velório [“Quando me entendi por gente”].

Sucim: entidade que, sem se deixar ver, assombra os Tupinambá, gritando “Suciium Saterê! Suciium Saterê!”; diz-se que, quando ele grita perto, significa que está longe, e, quando grita longe, está perto [“Gavião-verdadeiro”].

Tatu-peba: animal de caça; ainda que seja consumido com alguma frequência na Serra do Padeiro, é comumente preterido pelo *tatu-verdadeiro*, mais apreciado [“Tudo que vê, calado é mió”].

Tirar posse: reivindicar para si a posse de terras devolutas; ao narrar o processo de esbulho, os Tupinambá mencionam com frequência a chegada à região, a partir do final do século XIX, de não indígenas em busca de terras “disponíveis”, oriundos principalmente do norte da Bahia e

do atual estado de Sergipe [“Marcellino”].

Toré: ritual caracterizado por cantos e pelas batidas ritmadas dos pés e dos maracás, muitas vezes em torno do fogo; na Serra do Padeiro, é realizado com frequência, em diversos contextos [“Retomada”].

Tronco velho: termo empregado entre os Tupinambá para se referir tanto a ancestrais destacados na memória social quanto aos respectivos conjuntos de descendentes, frequentemente associados a domínios territoriais específicos; por vezes, diz-se simplesmente *tronco*; para uma categoria de parentesco relacionada, ver *broto* [“O sangue puxa”].

Umbigo (enterrar o umbigo): entre os Tupinambá, é difundido o costume de enterrar o cordão umbilical dos recém-nascidos; acredita-se que o lugar onde ele é enterrado influencia o destino da pessoa (por exemplo, quem tem o umbigo enterrado em roça de cacau se inclina para esse cultivo; na frente de curral, tende a ser vaqueiro; ao pé do cruzeiro, devoto); o mais importante, contudo, é a crença de que a pessoa sempre volta para onde está enterrado seu umbigo [“O sangue puxa”].

Vadiar (os encantados vadiam): parte das performances corporais levadas a cabo pelos *encantados* quando se manifestam em rituais realizados pelos Tupinambá da Serra do Padeiro; os movimentos variam grandemente, a depender da entidade, do indivíduo incorporado e de outros fatores; em alusão a essas performances, diz-se também que as entidades *sambam* [“Retomada”].

Visagem: alusão a aparições dos mortos e a outras entidades que vivem no território tupinambá, deixando-se notar em certas ocasiões [“Gavião-verdadeiro”].

Referências

ALARCON, Daniela Fernandes. “Doze anos de luta pela demarcação da TI Tupinambá de Olivença”, em RICARDO, Beto & RICARDO, Fany (org.). *Povos indígenas no Brasil: 2011-2016*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2017, pp. 713-7.

ALARCON, Daniela Fernandes. *O retorno da terra: as retomadas na aldeia tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia*. São Paulo: Elefante, 2019.

ALARCON, Daniela Fernandes. *O retorno dos parentes: mobilização e recuperação territorial entre os Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

AREAL. Brasil, 2016, 4’34. Documentário. Direção: Atiati Tupinambá e Daniela Alarcon. Pesquisa e roteiro: Atiati Tupinambá e Daniela Alarcon. Montagem: Fernanda Ligabue. Direção de fotografia: Atiati Tupinambá e Daniela Alarcon. Imagens adicionais: Aléxis Góis. Som direto: Atiati Tupinambá e Daniela Alarcon. Produzido por Associação dos Índios Tupinambá da Serra do Padeiro. Disponível em: <https://vimeo.com/170808117>.

CARNEIRO, Edison. “Era uma vez o Caboclo Marcellino”, em *O Estado da Bahia*, 6 nov. 1936.

COSTA, Erlon Fábio de Jesus. *Festar em Olivença: a Puxada do mastro de São Sebastião, uma questão de identidade e semiótica*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicologia Social) — Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2003.

COSTA, Erlon Fábio de Jesus. *Da Corrida de Tora ao Poranci: a*

permanência histórica dos Tupinambá de Olivença no sul da Bahia. Dissertação (Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos e Terras Indígenas) — Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. *Os filhos de Jaci: ressurgimento étnico entre os Tupinambá de Olivença, Ilhéus, BA*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. *Morada dos encantados: identidade e religiosidade entre os Tupinambá da Serra do Padeiro, Buerarema, BA*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FERRAZ, Lucas. “Índios afirmam que foram torturados pela PF na Bahia”, em *Folha de S.Paulo*, 19 jun. 2009.

LINS, Marcelo da Silva. *Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no sul da Bahia (1935-1936)*. Dissertação (Mestrado em História Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

PEIXOTO, Afrânio. *Trovas brasileiras (Populares: popularizadas)*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944.

SILVA CAMPOS, João da. *Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus*. Ilhéus: Editus, 2006.

SOUB, José Nazal Pacheco. *Minha Ilhéus: fotografias do século XX e um pouco de nossa história*. Ilhéus; Itabuna: Via Litterarum, 2013.

TUPINAMBÁ – O Retorno da Terra. Brasil, 2015, 24’57. Documentário. Direção: Daniela Alarcon. Pesquisa e roteiro: Daniela Alarcon. Montagem: Fernanda Ligabue. Direção

de fotografia: Fernanda Ligabue. Imagens adicionais: Thiago Dezan e Paula Daibert. Finalização e cor: Fernanda Ligabue. Som direto: Fernanda Ligabue. Trilha sonora original: Bruno Prado e Daniel Carezzato. Mixagem e masterização de áudio: Bruno Prado e Daniel Carezzato. Design gráfico: Marina Kanzian. Produzido por Repórter Brasil. Viabilizado por financiamento coletivo. Legendas em espanhol, inglês e francês. Disponível em: <http://retornodaterra.reporterbrasil.org.br/>.

“UM JULGAMENTO sensacional: deverá entrar em júri, hoje, o ‘Caboclo Marcellino’”, em *Diário da Tarde*, 11 mar. 1931.

VIEGAS, Susana de Matos. *Terra calada: os Tupinambá na Mata Atlântica do sul da Bahia*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

Agradecimentos

Ao Vitor e à Glicéria, companheiros de jornada, com alegria pelo que construímos juntos.

Ao Tadeu Breda, pelo convite para a realização do livro, à Bianca Oliveira e a toda a equipe da Editora Elefante.

À Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, que selecionou, por meio do Edital de Publicação de Histórias em Quadrinhos/2018, o projeto que daria origem a esta obra.

À Natalia Guerrero, pela preparação editorial e pela amizade de sempre.

A todas e todos que nos acolheram e nos apoiaram de diferentes formas na pesquisa de campo em Ilhéus, em Itabuna e na Terra Indígena Tupinambá de Olivença, em particular à Taís Carvalho, ao Danilo Ornelas e família; ao Haroldo Heleno e à Carmen Heleno; à Magui (Magnezi Jesus da Silva), ao Zenaldo (Josinaldo Francisco dos Santos) e a todos da Ipanema; a seu Lírio (Rosemiro Ferreira da Silva), dona Maria da Glória de Jesus e a cada um da Serra do Padeiro.

Aos pequenos Erúthawã e Ory Tupinambá, que nos acompanharam em todo o processo de pesquisa para este livro e que esperamos que sejam nossos leitores.

Aos pesquisadores e amigos Nathalie Pavelic, Erlon Costa, Patrícia Navarro, Jurema Machado, Ayalla Oliveira e Marcelo Lins, que contribuíram com referências, comentaram versões anteriores do livro e seguiram o processo com entusiasmo.

À Paula Carvalho, que nos deu excelentes sugestões para os caminhos pós-publicação.

Aliás, agradeço a todos os amigos que têm afetuosamente acompanhado a gestação deste livro — não conseguiria citar cada um no espaço apertado destes agradecimentos.

À minha família, pelo amor e apoio irrestrito, em especial ao Bruno Mandelli, à Drielle Alarcon, à Eni Silva, à Leni Silva e à Cacilda Mandelli.

E, sempre e mais uma vez, aos Tupinambá, por tudo.

Daniela Fernandes Alarcon

À Daniela Alarcon e ao Vitor Flynn, venho expressar a acolhida da nossa comunidade e o carinho de todos nesta caminhada. Obrigada por termos trabalhado juntos. A todos que se fazem presentes, somando na luta pelo território, aos companheiros, aliados e amigos que fizemos no percurso, que são as estrelas na terra — saibam do carinho que a aldeia tupinambá da Serra do Padeiro sente por vocês.

O papel — que nos deu tanta dor, que nos tirou direitos, nos tirou o território, tirou vidas — hoje nos dá muita alegria, através das mãos certas, levando a verdade que a muitos não alcançou. Quando, aqui na comunidade, olhamos para as histórias, são os arrepios na flor da pele, a saudade, a emoção ao ver as imagens ganhando vida, a história sendo contada, a oralidade tomando outras formas e cores. Aí vemos os olhares e as palavras, o suspiro dos anciões e seus semblantes, que fazem os nossos olhos lacrimejarem.

Ao Tadeu Breda, à Bianca Oliveira e a toda a equipe da Editora Elefante, que tive a oportunidade de conhecer, por este livro e por serem parceiros na publicação de *O retorno da terra*. Obrigada.

À Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, que deu condições para o projeto — espero que essas iniciativas continuem, pois fazem diferença.

A Nathalie Pavelic, Erlon Costa, Patrícia Navarro, Jurema Machado, Ayalla Oliveira e Marcelo Lins, que também contribuíram. Que sejam sempre guerreiros na jornada, que os encantados tragam sempre pessoas para contribuir com esta luta.

Ao Bruno Mandelli, que nos acolhe sempre com a maior paciência. À Drielle Alarcon, que me recebeu com carinho, e aos demais familiares da Daniela e do Bruno, pelo apoio.

Finalmente, a Tupã, que envia os encantados para nos proteger na terra, pedimos que ilumine a todos, que se faça presente nas lutas. Pedimos pela vida dos nossos familiares, que são as nossas bases e referências, pois foram eles que me trouxeram até aqui. Muito obrigada a todos.

Kuecatureté!

Glicéria Jesus da Silva

Aos Tupinambá, pela confiança no trabalho.

A Daniela e Glicéria, pela parceria.

Ao Tadeu, à Bianca e à Natalia, pelo empenho no livro.

Ao pessoal da Secretaria de Cultura, pela paciência e compreensão.

A todos que ajudaram nessa jornada, pela acolhida.

Aos amigos e família, pelo suporte.

À Yukari, por tudo.

Vitor Flynn Paciornik

Sobre os autores



DRIELLE CAROLINE ALARCON

Daniela Fernandes Alarcon é doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) e mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Entre 2017 e 2018, foi pesquisadora visitante no LLILAS Benson Latin American Studies and Collections, University of Texas at Austin. Desde 2010, investiga o processo de recuperação territorial realizado pelos Tupinambá da Serra do Padeiro. Pela Elefante, publicou *O retorno da terra: as retomadas na aldeia tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia* (2019), a partir de sua dissertação de mestrado, premiada pela Sociedade de Antropologia das Terras Baixas da América do Sul (Salsa). Em 2015, dirigiu o documentário de curta-metragem *Tupinambá – O Retorno da Terra*.



VITOR FLYNN PACIORNIK

Vitor Flynn Paciornik é quadrinista e ilustrador, formado em Artes Plásticas e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Em outubro de 2016, publicou pela Elefante, em parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo, o livro *Xondaro*, HQ sobre a luta dos Guarani Mbya pela demarcação de suas terras dentro dos limites da maior cidade da América do Sul. Publicou no começo de 2020 a HQ *Aquarela*, adaptação de conto de José Roberto Torero, em parceria com André Bernardino, com quem trabalha em um novo livro, *Depois que os sinos dobram*, coletânea de contos fantásticos em quadrinhos — ambas as obras foram contempladas pelo Programa de Ação Cultural de São Paulo (ProAC). Mantém, desde 2013, o blogue autoral *Quadrinhos b*, dedicado a histórias curtas.



PAULO LUGONARANTES/CIMI

Glicéria Jesus da Silva, uma das lideranças da aldeia Serra do Padeiro (Terra Indígena Tupinambá de Olivença), é professora no Colégio Estadual Indígena Tupinambá Serra do Padeiro (CEITSP) e cursa Licenciatura Intercultural Indígena junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Com Cristiane Julião, do povo Pankararu, dirigiu o documentário *Voz das Mulheres Indígenas* (2015), premiado pelo público do Festival Cine Kurumin em 2017. Por sua atuação na luta pela terra, em 2010, foi encarcerada, junto a seu bebê de colo, o que suscitou veementes críticas de entidades do Brasil e do exterior. Em 2019, pronunciou-se na 40ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, em Genebra, denunciando as violações de direitos contra povos indígenas pelo Estado brasileiro.

[CC] Editora Elefante, 2020

Você tem a liberdade de compartilhar, copiar,
distribuir e transmitir esta obra, desde que cite
a autoria e não faça uso comercial.

Primeira edição, agosto de 2020
São Paulo, Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Paciornik, Vitor Flynn
Os donos da terra / Vitor Flynn Paciornik, Daniela Fernandes
Alarcon, Glicéria Jesus da Silva. – São Paulo : Elefante, 2020.
172 p. : il., P&B

ISBN 978-65-87235-20-2

1. História em quadrinhos 2. Índios Tupinambá I. Título II. Alarcon,
Daniela Fernandes III. Silva, Glicéria Jesus da

20-2929

CDD 741.5

Índices para catálogo sistemático:

1. História em quadrinhos – Índios Tupinambá

EDITORA ELEFANTE
editoraelefante.com.br
editoraelefante@gmail.com
fb.com/editoraelefante
@editoraelefante

fontes Gargle & Adelle Sans Pro
papel cartão 250g/m² e couché fosco 90g/m²
impressão BMF Gráfica
tiragem 2.000 exemplares

diretora de documentários realizados de forma colaborativa com os indígenas. Glicéria é mais que uma ativista indígena: ela tem sido, ao longo dos anos, uma importante interlocutora e mediadora intercultural do seu povo. Vitor é formado em Artes Plásticas e em Ciências Sociais, dotado como poucos da dupla qualidade impreterível neste tipo de tarefa. É autor de *Xondaro* (2016), uma HQ de bastante sucesso, cuja leitura das modalidades de resistência dos Guarani de São Paulo trouxe uma nova perspectiva para a visibilidade da comunidade.

Assim, utilizando-se de várias técnicas e fontes, as histórias que lemos aqui foram esmiuçadas e lapidadas junto aos Tupinambá. Se elas trazem o sangue dos indígenas, também trazem o seu espírito. Preservando o *jeito de falar* dos Tupinambá, as narrativas se sustentam não apenas nas suas belas imagens, mas também nos seus sons e conceitos. Um glossário interessantíssimo foi adicionado ao final, tudo para facilitar ao leitor *vadiar* por tantas histórias, por um Brasil ainda se conhecendo.

MARCOS ALEXANDRE DOS S. ALBUQUERQUE é professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde é coordenador do Núcleo de Antropologia da Arte (NAdA) e vice-coordenador do Grupo de Pesquisa Imagens, Narrativas e Práticas Culturais (Inarra).

Baseado em uma pesquisa antropológica de fôlego, *Os donos da terra* aborda episódios históricos e recentes da luta dos Tupinambá da Serra do Padeiro, no sul da Bahia, pela recuperação dos territórios ancestrais dos quais foram expulsos pelo avanço da colonização — que continua até hoje. Entre mobilizações e retomadas, operações da Polícia Federal e ações paramilitares, prisões de lideranças e a violência passada e presente dos poderes locais, esta HQ revela aspectos da memória, da visão de mundo e da cultura de um povo que, guiado pela sabedoria dos antepassados e dos *encantados*, e unido por fortes laços comunitários, resiste ao esbulho territorial e à batalha simbólica que nega sua origem indígena e seus direitos constitucionais. As sete narrativas deste livro abrem uma janela pela qual é possível começar a conhecer uma gente que não abaixa a cabeça e, todos os dias, constrói possibilidades de um mundo mais justo.

Este projeto foi realizado com apoio da
Secretaria Municipal de Cultura



elefante
EM QUADRINHOS



CIDADE DE
SÃO PAULO
CULTURA

EDITORAELEFANTE.COM.BR
ISBN 978-65-87235-20-2

